




C contos de um  
**NATAL** sem

Volume IV

*Luz*

*Organização*  
*Rô Mierling*

Antologias Brasileiras 



**UMA VILA ISOLADA!**  
**VINTE CASAS...**  
**VINTE CONTOS...**  
**VINTE VIDAS...**  
**UMA NOITE DE NATAL!**

**CASA 1 - Renato Souza**

**CASA 2 - Carlos Asa**

**CASA 3 - Lisa Hallowey**

**CASA 4 - Mirian Guimarães**

**CASA 5 - Adnelson Campos**

**CASA 6 - Marcio Muniz**

**CASA 7 - Márcia Pavanello**

**CASA 8 - Fernando Bins**

**CASA 9 - Lorena Caribé**

**CASA 10 - Rafael Valore**

**CASA 11 - Claudio Mendes -**

**CASA 12 - Carolina Utinguassu**

**CASA 13 - Grazielle Segetti**

**CASA 14 - Fernando Mello**

**CASA 15 - Regiane Silva**

**CASA 16 - Jeane Tertuliano**

**CASA 17 - Gustavo Lopes**

**CASA 18 - Tatiana Honorato**

**CASA 19 - Fernando Nunes**

**CASA 12 - EPÍLOGO**

Copyright ©2017 by Rô Mierling e Autores Diversos  
Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios.

EDITORA ILLUMINARE  
Caixa Postal 49 – Torres – RS  
95560–000  
contato@editorailluminare.com.br  
www.editorailluminare.com.br

Coordenação da Antologia  
Rô Mierling

Diagramação  
Milena Moraes

Capa e Arte final  
Rony Duarte – ASN Designs

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

---

Mierling, Rô

M632c Contos de um Natal sem Luz – Volume IV/ Org. Rô Mierling. Torres: Editora  
Illuminare, 2017.

72 p.

1. Contos 2 Drama 3. Natal I.  
Título.

Organização  
Rô Mierling

**C**ontos de um  
**NATAL** sem

Volume IV



Editora Illuminare  
Brasil / Argentina  
2017



## O Desafio e Projeto Literário

Em 2014 um projeto/desafio literário se formou onde vinte escritores deveriam escrever vinte contos. Cada conto ambientado em uma das casas da pequena vila Garden Rose. É técnica de construção literária com “muitas mãos”. Todos os autores juntos dentro de um só livro, dentro de um só universo ficcional e um só enredo/cenário, mas com seus enfoques individuais.

Assim surgiu Contos de um Natal sem Luz – Volume I, mostrando como muitas pessoas passam por noites de Natal sem paz, sem saúde, sem alimento, sem conforto e sem felicidade. Noites frias e solitárias, onde tudo pode acontecer.

Contos dramáticos, de suspense, de terror psicológico. Contos, não para entristecer ou assustar, mas para alertar fazendo com que o leitor valorize seu Natal como um momento onde a paz e a alegria devem vir de dentro e não do consumismo ou de reuniões festivas automatizadas e sem sentimentos reais.

Em 2015 e 2016 novos autores foram convidados para esse desafio, e lançamos os livros Contos de um Natal sem Luz – Volume II e Volume III. Mais contos, mais histórias, mais dramas.

E nesse ano de 2017, lançamos o desafio novamente e surge Contos de um Natal sem Luz - Volume IV.



## O Cenário

Garden Rose é uma vila que fica em uma cidade isolada em meio a montanhas nevadas.

Com invernos cada vez mais rigorosos, o isolamento cresce na pequena vila composta de vinte casas, todas feitas de forma similar, construídas muitos anos atrás para abrigar moradores que trabalhassem nas vinícolas locais.

Com o passar do tempo, alguns trabalhadores se foram, mas outros moradores vieram e a vila se solidificou.

As vinte casas são divididas em dois lados, sendo dez casas no lado direito e dez casas do lado esquerdo, repartidas por uma pequena rua que começa em uma interestadual e termina nas montanhas, sem saída para carros. Ambos os lados da vila são resguardados por grandes montanhas. Muitos moradores da vila e da cidade cochicham mitos e segredos sobre o “mal da montanha” que afeta aos moradores da pequena vila, provocando acontecimentos inusitados, quem sabe oriundos do isolamento, principalmente no inverno.

Convidamos você então a conhecer essa vila, suas casas e suas histórias.

Leia, reflita e agradeça a Deus por sua noite natalina.  
Afinal, nem todos podem ter um Feliz Natal.

Rô Mierling, dezembro de 2017  
Buenos Aires - Argentina.



## PEDIDO DE CASAMENTO

Renato Souza



É hoje!

Alexandre estava muito, muito animado para a noite de Natal. Uma de suas épocas preferidas, desde a infância. Por isso, tinha o costume de anunciar coisas importantes de sua vida na noite do dia 24 de dezembro, quando toda a família estava reunida. Foi assim quando havia comprado seu apartamento e quando recebeu sua promoção. Hoje ele iria pedir a mão de sua amada Simone em casamento.

Oito horas da noite. Todos já estavam presentes naquela casa relativamente pequena, mas aconchegante. Ele não sabia da existência da vila onde estavam. Foi recomendação de um dos amigos mais próximos, com o qual havia conversado sobre a procura de um local diferente para a ocasião. A vila ficava afastada alguns quilômetros do centro da cidade, porém não era difícil de achar.

A temperatura estava mais baixa que o normal. Era comum nevar na época natalina, porém uma tempestade fora do comum se desenvolvia lá fora, e a visibilidade era pouca. Não seria possível contemplar a região montanhosa que rodeava todo o local.

Alexandre sempre foi uma pessoa tranquila. Era conhecido por quase não perder o equilíbrio. Até nos raros momentos em que chegava a ser mais ríspido, não se permitia a exageros.

Enquanto esperavam os ponteiros do relógio declararem meia-noite para iniciarem a tradicional troca de presentes, alguns bebiam, outros apenas conversavam e riam. As três crianças brincavam, mas extremamente ansiosas para saber o que iriam ganhar de Natal.

Em certo momento, Alexandre ficou a contemplar sua futura noiva, lembrando-se da noite em que se conheceram.



Foi num show de uma de suas bandas favoritas. Encantou-se com a dona daqueles olhos claros e de um sorriso contagiante. Seus pensamentos foram cortados. Simone tocou-lhe levemente a mão e falou:

- Alê, preciso conversar com você algo muito importante.

O som de uma forte trovoadá pareceu completar a frase.

- Certo, vamos esperar a troca de presentes e a gente se fala - ele respondeu e o seu pensamento complementou-se numa felicidade extrema: teremos muito que conversar depois do pedido.

Chegou enfim a hora. Uma a uma das pessoas presentes ia sendo contemplada com as coisas que desejaram. Quando restara apenas uma pequena caixa, houve certo estranhamento, pois todos já haviam sido presenteados. Alexandre então levantou-se, pegou a caixa e começou a falar no exato momento em que a tempestade ganhava mais força:

- Costumo compartilhar as coisas boas de minha vida, as minhas conquistas, em noites de Natal. E hoje não poderia ser diferente. Minha querida Mone, eu te amo, e minha vida sem você é nada. Quero para sempre tê-la ao meu lado.

Alexandre aproximou-se mais da namorada, que parecia entender o que estava para acontecer, causando-lhe pânico. Ela não acreditava naquilo. Logo hoje que...

Outro estrondo forte de trovão. Mais neve caía. Alexandre chegou ainda mais perto dela e ajoelhou-se. Ouviu-se o som de “ohhhhhh” dos demais presentes quando a caixa foi aberta e surgiu a aliança.

- Simone, aceite ser minha esposa. Case-se comigo.

A garota sempre fora centrada. Na sua profissão, tinha que ter controle de tudo, principalmente em situações que mexem com o emocional. Segundos, que pareciam uma eternidade, se passaram antes dela responder. Não poderia deixar o rapaz e as demais pessoas esperando. Assim, respondeu com voz firme:

- Meu querido Alexandre. Eu simplesmente... não posso. Não posso aceitar. Sinto muito.

Ele não acreditava no que acabara de ouvir. Não era possível. A mulher que ele amava, e que julgava amá-lo também, disse-lhe não. Seria culpa da tempestade?

- Como, Simone? Eu não entendi.

Mais resoluta, ela disse:

- Não posso me casar com você. Vamos conversar em particular.



Enquanto o casal se retirava para um local mais privativo, os demais presentes tentavam entender o que acabara de acontecer na noite de Natal. Que noite! Aproveitaram para colocar as crianças na cama.

De certa maneira, ela o amava sim. Era uma excelente companhia, mas não poderia continuar naquela relação. A paixão havia acabado. Mais ou menos dois meses atrás, Simone havia cogitado romper com Alê, mas não sabia como. Depois de adiar e adiar, resolveu que o faria naquela noite depois da troca de presentes. Teriam uma conversa franca, como pessoas adultas e maduras, e ainda que houvesse sofrimento para ambos, era a melhor decisão.

Já tinha exposto isso a ele. Não só uma, nem duas vezes. Ele sempre argumentava que iriam superar qualquer dificuldade, que ela estava confusa, que eles poderiam esperar mais tempo para o casamento.

E a tempestade lá fora ainda insistia em cair. Depois de muitas palavras trocadas sem nenhum dos dois “saírem do salto”, juntaram-se novamente ao grupo. Não havia mais clima para comemoração natalina, mas o rapaz pediu que ninguém deixasse de aproveitar a noite, agora entrando pela madrugada. Ainda era Natal.

Minutos depois, de súbito ele levantou-se. Dirigiu-se até o banheiro e foi tomado por uma raiva, um ódio mortal. Tudo viera de uma vez, e ele não tinha o menor controle.

Na volta, viu a mochila de seu tio. Abriu-a, e encontrou o que tinha certeza que iria achar. Chegou na sala onde todos estavam e num momento de fúria, despejou todo tipo de injúrias contra Simone. Os trovões pareciam acompanhar cada palavra. Aquela situação era uma surpresa. Nunca tinham visto ele daquela forma. Estava totalmente fora de controle. Os pedidos de calma só faziam Alexandre ser mais hostil.

No final de um “eu te odeio, sua vaca”, ele sacou o revólver, o objeto que havia pegado na mochila. Tudo muito rápido. Disparou três vezes contra a moça, que caiu instantaneamente, e já sem vida. Em seguida, apontou para a própria cabeça. Ouviu-se o tombo no corpo após o som do disparo.

Lá fora, a tempestade parecia ter dado trégua.



## COMPASSO NATALINO

Carlos Asa



-Eu odeio esta vida maldita!

Sim, eu não preciso gritar ao vento. Eu realmente odeio tudo em minha vida. Um pai decrépito, uma casa mergulhada em uma maldita vila nas montanhas, um passado de vícios e medos, sem falar nas práticas perniciosas de meu querido pai.

Pelo menos estamos aqui dentro. A neve se acumula do lado de fora e o frio é tão rigoroso que os canos rangem. Para piorar tudo, é Natal. Época em que as pessoas se revestem de hipócritas atitudes tentando mitigar suas verdadeiras faces.

Nós não temos motivo algum para celebrar a data. Não fosse pelo miserável do meu pai, poderíamos estar vivendo em uma cidade distante deste inferno gelado. Ele é seu imundo desejo que me corrompeu quando ainda era uma menina inocente; quando ainda tinha uma mãe para cuidar de mim...

Agora ele fica ali, na sala, sentado em sua cadeira de rodas, com o olhar perdido no nada. Pobre coitado; uma figura merecedora de piedade...

Um crápula! Eu cuspo em sua honorável senilidade. Pouco me importa se seus ossos tiritam de frio, se seu apodrecido estômago geme de fome, se seu inerte falo deseja urinar ou gozar... Eu não me importo com nada que esteja relacionado a ele.

— Maldito Natal!

Olho para as outras casas da vila e encaro a decadência humana. Sei que, em todas, o espírito do Natal não tem acolhida; somos um bando de desgraçados, deserdados pela sorte, condenados a viver quando aquilo que mais desejamos é estar mortos.

— Por que você teve que me corromper? Velho maldito!

Esfaquear meu pai não alivia minha frustração, não diminui meu ódio. Eu tinha uma vida inteira para ser feliz e este parasita me usou para satisfazer seus



desejos imundos, abusou de meu corpo, plantou sua semente nojenta em meu ventre... Ainda bem que ela não vingou.

Uma ideia insana invade minha mente; e se eu permitisse que o frio entrasse? Se eu o recebesse como um convidado especial para a ceia? Ele acariciaria meu corpo com seu hálito regelante, beijaria meus lábios com seu toque paralisante, inundaria minha alma com sua seiva aniquiladora... Levaria meu ser para seu reino insubstancial, a dimensão do não ser.

Mas eu não sou tão venturosa assim. Eu não mereço comiseração. É mais provável que eu apenas contraia uma doença grave que resulte em mais provações ainda. Não é difícil me imaginar arrastando meu corpo raquítico pelos cômodos deste hospício. Arrastando-me e perjurando, esbravejando contra os céus... Que perda de tempo! Os céus não estão nem aí para mim e minha miserável existência, eu sou excremento do inferno...

Será que minha liberdade repousa nos braços da morte? Se assim for, eu a quero, eu necessito que ela me visite. Cerro os olhos e expresso meu primeiro e único pedido de Natal: eu quero morrer! Nem que seja pelas mãos do demônio mais cruel. Eu não quero mais pertencer a este mundo vil.

Dominada pela insanidade, ou por minha necessidade de abandonar o mal que se aprisiona em mim, tiro minhas roupas e me preparo para abrir a porta. Eu serei a noiva imaculada do frio, ele irá me possuir com sua selvagem força mortal...

De repente ouço o repicar dos sinos. O céu noturno se enche de luzes. A cidade vibra os acordes Natalinos. Somos como um cancro na paisagem urbana. Exilados na parte mais extrema da cidade, separados por um portão tão arruinado quanto as casas que ele tenta esconder. Aqui o Natal é apenas uma piada de muito mau gosto.

Se eu fosse uma pessoa normal, ou quem sabe tivesse a seda da hipocrisia cingindo minha índole, eu teria uma taça em minhas mãos, estaria sorrindo junto às outras pessoas, olhando admirada para os fogos que explodem no ar, trocando cumprimentos falsos, agradecendo presentes que não me agradaram...

Mas, não! Eu abri a porta e, mesmo que eu fosse normal, eu não estaria vivendo nenhuma dessas experiências.

O toque do frio não é nada suave, como eu, em minha ignorante fantasia, havia imaginado. Ele é cortante, penetrante... Espero que seja também mortal.

Eu o sinto cravejar em meu corpo. Os cortes de uma lâmina desprovida de habilidade, um fio cortante nas mãos de um cirurgião inapto; ele fere mais do



que a masculinidade perdida de meu pai quando invadiu minhas entranhas. Eu não choro, não lamento, não luto por minha vida... Eu me sinto livre.

Sem pensar em mais nada, saio caminhando pela rua que separa as infelizes moradias. Se alguém estiver olhando para a rua, verá meu corpo nu bailando sob os flocos furiosos da neve que desaba sobre a vila. Sim, irá me injuriar, talvez se apiedar por minha loucura, mas eu não me importo. Eles não sabem aquilo que estou sentindo. Pela primeira vez em minha desgraçada existência, eu estou me sentindo livre e viva.

Aproximo-me do portão, posso ver algumas pessoas se congozando em ceias opulentas. Um riso ensandecido decora meu semblante. Como consigo ver uma cena que se passa além do portão, sob o manto alvo da neve? Eu sequer consigo ver os detalhes de minha casa, minha vista é tão debilitada quanto o resto de mim.

— Riam, desgraçados! O melhor presente deste nojento Natal é meu!

Desprovida de qualquer resquício de sanidade, começo a rodopiar sob a nevasca. Eu o vejo, o príncipe que estive em meus sonhos, quando eu ainda os tinha, ele vem ao meu encontro, sorri, os dentes rivalizando com o alvor da neve, enlaça-me pela cintura e iniciamos o bailado final. A valsa fúnebre, entoada pelo vento, preenche-me invalidando qualquer outra manifestação que não seja o deleite de ser cortejada por um príncipe.

Quando sinto que a felicidade está me unguindo, a metamorfose me abate. O príncipe esvaece e cede lugar a uma figura grotesca, olhos vermelhos, mãos disformes, lábios tortos, nariz pontuado por protuberâncias fétidas, pés caprinos... Mas apesar de sua aparência repugnante, eu sinto ternura nele.

Ele me pega em seus braços, grunhe frases grosseiras, vomita seiva purulenta, me beija com carinho e me oferta seu mundo. Dessa vez o sorriso é de felicidade; eu estou voltando para casa. Inferno foi ter experimentado esta vida dominada pela imundice humana.



## HERANÇA DE FAMÍLIA

Lisa Hallowey



Sou um velho de 66 anos. Velho e solitário. Não tenho família, amigos. Tenho horror a pessoas e a cidade grande, apesar de ter morado uma boa parte da minha vida na grande metrópole. Mas foi com muita sorte que encontrei essa pequena vila, localizada em meio as montanhas nevadas. Garden Rose é o paraíso (pelo menos para mim). Moro aqui há 5 anos. Lugar tranquilo, ninguém se intromete na vida de ninguém. Local perfeito, onde se pode fazer o que quiser sem levantar suspeitas.

E fica mais perfeito ainda no Natal. Amo o Natal. Época onde o espírito natalino contagia todo mundo. Até eu que não suporto os seres humanos, me transformo.

Adoro preparar a ceia. É a época também onde posso degustar meu prato favorito. E confesso, não é uma coisa tão fácil e simples de fazer. Não compro nada em supermercado ou açougue. Eu vou a caça. Nada melhor como escolher sua própria presa. Minha especialidade: lombo ao molho branco, acompanhado de um belo Château Haut-Brion, ao som de Beethoven.

Mas não é só isso que gosto de fazer nessa época. Como eu havia mencionado, eu me deixo contagiar pelo espírito da bondade e me misturo com as pessoas. Todo dia 20 do mês de dezembro, eu saio e vou até a cidade vestido de Papai Noel. Ao chegar naquele inferno, eu procuro lugares onde estão aqueles pobres órfãos que foram abandonados por adultos inconsequentes e irresponsáveis, e conduzo-os para minha casa, afim de lhes proporcionar um bom banho quente, uma boa refeição e uma cama quentinha e confortável.

Apesar de que nos últimos tempos, está sendo um pouco difícil de encontrar esses guris. Esse ano mesmo, encontrei só dois. Agora o Conselho Tutelar inventou de pegá-los e levá-los para abrigos. É um ou outro que encontro em uma praça ou numa rua sem saída, escondido atrás de alguma caçamba.



Eles têm medo dessa gente, acham que vão ser maltratados. Mas eles não têm medo de mim. Do bom velhinho, Papai Noel.

Coitadinhos, mal sabem que o Papai Noel aqui não passa de um velho com um gostinho “excêntrico” por carne. E quando descobrem isso, já é um pouco tarde para escapar.

Isso mesmo, adoro carne humana, e tenho que concordar com meu bisavô (na minha família, só ele tinha o mesmo gosto que eu, acho que herdei isso dele), a carne desses pivetes é doce como o néctar dos deuses. Uma carne macia de lamber os dedos.

Mas voltando aos pequenos, eles não podem reclamar. Eu estou dando algo a eles que ninguém nunca deu, cinco dias de conforto para fazerem o que quiserem, antes de darem seu último suspiro. É como se estivessem no corredor da morte, e enquanto seu carrasco não vem lhe ceifar a vida, podem realizar seus desejos. Seus últimos desejos. E eles deveriam era me agradecer, por fazer isso por eles. Que futuro eles teriam morando em uma rua, vivendo nessa miséria? Nenhum.

Ninguém dá a mínima a eles. Pelo contrário, sentem nojo. Então se eles desaparecerem, ninguém irá reclamar ou dar por falta. E caso isso chegasse a acontecer, ninguém iria procurar numa pequena vila esquecida como Garden Rose. E o mundo também está em superlotação. É hora de exterminar o que não presta.

\*\*\*\*

**24 de Dezembro, 10h00**

Nunca pensei que uma peste daquele tamanho, fosse dar tanto trabalho para morrer. Tenho que reconhecer, a menina lutou bravamente, ao contrário do moleque. Ele foi só apertar seu frágil pescoço, e matar asfixiado. Não disse nada. Não tentou resistir, só me olhou com aqueles olhos de piedade. Como se eu fosse ter dó, e resolvesse desistir. Jamais!

Agora ela... Mordeu-me quando tentei segurá-la. Correu pelo porão, achando que conseguiria escapar. Gritou, pedindo socorro. Tadinha! Seus gritos e apelos não poderiam ser ouvidos e mesmo que alguém ouvisse, nenhum vizinho se importaria em saber o que acontece ou deixa de acontecer nas casas vizinhas. Estão ocupados com suas vidas medíocres. Eu tive que quebrar o pescoço dela. Nunca gostei de fazer isso, mas não tive outra opção.



Mas o importante é que agora está tudo em ordem. Já esquitei os dois, mas só vou preparar o garoto. Já cortei suas partes em pequenos pedaços. O cardápio esse ano vou fazer diferente. Vou preparar um stroganoff acompanhado de um belo arroz de couve-flor. E a garota, vou deixar para a noite de Ano Novo. Também irei renovar no final do ano. Farei uma receita diferente com a carne dela, e ao contrário dos outros, pegarei suas mãos e seus pés e farei enfeites de Natal para minha árvore do próximo ano, e sua cabeça, colocarei como troféu em cima da minha lareira. Ninguém vai aparecer por aqui mesmo. E tenho certeza que meu bisavô, Albert Fish, iria se orgulhar de mim.



## PERU DE NATAL

Mirian Fidelis Guimarães



Naquele ano a nevasca estava mais pesada do que de costume, a pequena casa aguentava firme a cada rajada de vento.

Violeta trabalhava muito, saía cedo e voltava muito tarde. Na ida, deixava o bebê na creche para não sobrecarregar sua mãe e, quando voltava, era a mesma coisa, passava novamente na creche.

Sua mãe, Dona Milú, uma senhora não muito idosa, mas com leves sinais de demência, ajudava nos afazeres da casa. Lavava, passava e muitas vezes buscava o bebê na creche para Violeta não precisar correr tanto.

Nos últimos meses, a doença de sua mãe pareceu avançar um pouco, ela esquecia das coisas, cismava que pegavam coisas da casa e que escondiam dela, mas nada que fosse prejudicial, já que ela fazia o tratamento devido. Nos dias em que ela estava perfeitamente normal ninguém dizia que ela era uma pessoa doente, já nos dias em que a doença atacava, ela dava mais trabalho do que o próprio bebê.

Naquela véspera de Natal, Violeta estava de folga e resolveu adiantar tudo para a ceia que teriam à noite. Fez os doces, as comidas tradicionais sem esquecer a famosa rabanada, que Violeta tanto amava. Limpou a casa e deixou para fazer o assado na parte da tarde, assim já sairia para buscar o peru quando fosse levar o pudim da vizinha.

Dona Milú acordou animada naquele dia, estava sorridente, cantando músicas de Natal e espanando os móveis. Fez tudo o que precisou na cozinha para ajudar Violeta e depois foi cuidar do bebê.

Quando Violeta terminou de assar o pudim, avisou sua mãe que passaria na vizinha para entregá-lo, depois passaria na farmácia, no mercado para pegar o peru e, por fim, voltaria para casa. Demoraria no máximo pouco mais de uma hora.



Dona Milú disse que ela não precisaria se preocupar, que fizesse tudo com calma e que assim que chegasse, a ajudaria no que fosse preciso.

A nevasca aumentou demais enquanto Violeta estava na farmácia, dificultando assim a sua saída. Precisou esperar para que melhorasse e ela pudesse voltar. Ligou para avisar, mas o telefone só chamava. Quando Dona Milú atendeu estava radiante:

— Violeta? Não se preocupe, está tudo em ordem!

— Eu sei mamãe, mas ficarei presa por aqui sabe-se lá por quanto tempo. Não precisa se preocupar com nada, já está tudo pronto e arrumado. O peru está aqui comigo e assim que eu chegar o colocarei no forno, ele já está pré-assado.

Dona Milú ficou pensativa por um momento, até que respondeu:

— Ué, mas eu já o coloquei no forno agorinha mesmo.

Violeta ficou gelada.

— Como assim mãe, não tínhamos peru em casa.

— Tínhamos sim filha, inclusive já está no forno com fatias generosas de batata em volta.

Violeta desligou o telefone no mesmo instante. O que será que sua mãe havia colocado para assar? Desesperada saiu correndo empurrando as pessoas e se jogando na frente dos carros, sem se importar com a neve acumulada e escorregadia no meio da rua. Conseguiu uma carona com a vizinha que morava na casa em frente à sua.

Ao virarem a esquina, um bom tempo depois, viram dois carros de polícia parados em frente à casa de Violeta e uma ambulância.

Da porta da sala saía uma fumaça branca e malcheirosa que lembrava carne apodrecida.

Violeta pulou do carro gritando, queria saber o que estava acontecendo em sua casa.

— Calma, minha senhora. Reside aqui?

— Sim, moramos eu, minha mãe e o bebê.

— Compreendo. Nós sentimos muito, mas quando fomos chamados já era tarde demais. Sua mãe está a caminho do hospital psiquiátrico, enquanto que o bebê permanece dentro do forno. Ela disse que estava assando o peru de Natal quando chegamos. Já tinha posto a mesa e estava sentada assistindo televisão.

Violeta não acreditou no que escutou, apenas colocou a bolsa na calçada, o peru na varanda e adentrou a porta da sala de onde ainda saía aquela fumaça macabra e malcheirosa.



# O RANGIDO

Adnelson Campos



A cena do homem morto, pendurado pelo pescoço não lhe saía da cabeça. Sempre tentou entender porque alguém faria aquilo com a própria vida. Ainda sentia o cheiro do corpo em decomposição, mesmo passados mais de cinquenta anos desde o dia em que, fugindo do irmão mais velho, pulou a cerca e enroscou-se nos pés do cadáver do velho Kowalski.

Embora não percebesse, o menino brincalhão passou por momentos de tristeza profunda e de instabilidade emocional depois daquilo. Mesmo assim, cultivou por toda a vida muitos amigos. Colegas de pescaria, de carteado e de aventuras pela mata com seu velho Jeep 1953. Era um sujeito disponível para qualquer problema. Sabia ouvir e contar boas histórias, acompanhadas por uma boa bebida. Assim eram as noites de Natal e de Ano Novo também.

Porém, um dos momentos mais difíceis da sua vida chegou: a aposentadoria. Seus melhores amigos sempre estiveram na oficina de automóveis. Tentaria manter a atividade na garagem de casa, seu compromisso mais sério fora firmado com a graxa, o casamento ficaria num segundo plano.

Tudo ia bem até que a esposa reuniu os três filhos e falou do seu desejo de mudar-se para mais próximo da família dela. Era um lugar tranquilo, uma pequena vila entre as montanhas. Fazia um bocado de frio no inverno, porém muito agradável no restante do ano. Ela poderia ajudar as irmãs, uma delas adoentada. Havia outras casas à venda, venderiam alguns dos bens, comprariam algumas casas na vila e alugariam, até que os filhos pudessem mudar para lá também. Os dois filhos mais velhos estavam começando a formar suas próprias famílias e acharam uma boa ideia. Convenceram o pai a aceitar.

Logo que chegou ao lugar, Otto achou que havia algo errado. O rangido do portão quase caído na entrada da vila lhe causava uma dor. Nas noites que se seguiram, o velho portão completava o quadro de insônia de Otto. Por várias vezes tentou consertá-lo, mas ele teimava em deformar-se novamente. Tentou



arrancá-lo, mas o velho Sam, um dos moradores antigos que dizia cuidar da vila, não permitia.

No começo, a vida na vila foi um pouco mais fácil. Os concunhados, também aposentados, passavam boa parte do dia conversando ou jogando. Abusavam um pouco da bebida e do fumo.

No primeiro ano, todos os filhos vieram para as festas de fim de ano e prometeram que logo mudariam para lá. As casas ficaram mobiliadas e desabitadas por dois anos. Nos cinco anos seguintes, foram alugadas, mas ninguém ficava lá por muito tempo. Todos que de lá saíam diziam que era impossível ser feliz naquele lugar. Os filhos venderam as casas, ficaram com o dinheiro e se afastaram.

Os membros mais velhos da família da mulher foram morrendo e os mais novos mudando de lá. Os novos vizinhos eram estranhos e pouco amigáveis. Acabaram ficando sozinhos na casa quando a filha mais nova, numa de suas viagens para a universidade, morreu num acidente de trânsito.

Otto passou a culpar a mulher pelos seus infortúnios e pela solidão que o castigava. Pensava em abandonar tudo, voltar para sua terra. As datas comemorativas e festivas só serviam para acentuar ainda mais a angústia e a sensação de abandono.

Num período de chuvas, Otto percebeu um problema no telhado e subiu ao sótão para consertar. Ele detestava o lugar, que por isso sempre foi empoeirado e desorganizado. Removeu algumas tábuas e encontrou uma pequena caixa. Dentro dela, um antigo revólver 38 e algumas balas. Desde o tempo no exército não manuseava um daqueles, mas sabia como fazer a manutenção de um. A mulher tinha pavor de armas, faria a limpeza no próprio sótão, longe dos olhos dela.

Removendo um pouco da sujeira da arma, percebeu na empunhadura uma inscrição gravada. Tremeu quando viu o nome do antigo proprietário: Kowalski. Teve a sensação que, acima dele, pendurado na viga central estava o seu velho fantasma e o sótão pareceu cheirar a morte. Desceu rapidamente, nunca mais voltou lá. A arma, escondeu-a num galpão nos fundos da casa.

Nas noites que se seguiram, além do rangido do portão que o assombrava, agora o velho Kowalski lhe tirava o sono também. Maldizia o dia em que a mulher o convencera a mudar para lá.

Mais um Natal chegou e, nem ao menos a mensagem dos filhos pelo telefone celular, veio. Fazia muito frio. Uma nevasca cobriu quase tudo. Pelo



menos algo de bom acontecera com a chegada da neve: o portão da entrada da vila estava preso e não rangia, a noite seria mais tranquila.

Para lembrar a data, a mulher preparou alguma comida, colocou a toalha com motivos natalinos na mesa, acendeu algumas velas e reforçou o fogo na lareira. Insistiu para que Otto ouvisse uma história, contada de um velho livro que lia para os filhos na época do Natal. O homem queria, mas não conseguia chorar. O sentimento era o de revolta. Via na mulher o seu pior inimigo e o sentimento de raiva crescia ainda mais.

Perto da meia-noite, a mulher lhe entregou um pacote e insistiu que ele abrisse. Ele olhou o par de meias tricotadas em lã vermelha com indiferença. Desculpou-se por não ter um para retribuir. Ela lhe ofereceu uma caneca de chocolate quente, ele preferiu uma dose de uísque.

A mulher foi deitar. Otto disse que iria em seguida e sentou-se mais um pouco no sofá. Cansado, suas pálpebras se fecharam para logo em seguida abrirem assustadas. Não era possível, ele ouvia o rangido do portão. Uma dor insuportável tomou conta de sua cabeça. Ele precisava acabar com a fonte da sua angústia. Apanhou a arma que havia limpado pela manhã, carregou-a lentamente.

As luzes da árvore natalina iluminavam a porta de entrada do quarto do casal. Otto surgiu com um sorriso no rosto e o colorido das luzes modificavam a sua dentição. Os olhos também brilhavam. Ele empunhou a arma e chamou:

- Olhe para mim, minha velha!

Ela, assustada, sentou-se na cama, de sua boca não saía uma só palavra.

- O velho Kowalski lhe deseja um Feliz Natal! – disse Otto, quase que gargalhando.

Redirecionou a arma para a própria cabeça, apertou o gatilho e espalhou massa encefálica na cortina branca que cobria a janela e boa parte da parede do quarto.



## VOLTANDO PARA CASA

Marcio Muniz



A neve cobria tudo, faltava pouco para atingir-lhe por completo também o coração.

Ele estava sozinho na sala, não fazia questão de alimentar a lareira apesar do frio. Há muitos dias não saía de casa. Para ser mais preciso, desde que retornara duas semanas atrás, preferia ficar lá e ruminar suas angústias, conversar com seus fantasmas, desabafar seus pecados e frustrações com as paredes.

Se não fosse pelos preparativos também discretos de alguns vizinhos, nem imaginaria ser véspera de Natal. Datas como aquela só faziam alimentar-lhe a tristeza. Há três anos perdera a esposa naquela mesma data vitimada por um câncer agressivo.

Depois achou ter refeito a vida e com muito custo aceitou outra companheira. Ela parecia que o compreendia e aceitava, porém acima de tudo, parecia gostar de seus filhos e ele sentia que não conseguiria carregar sozinho aquele fardo que seria cuidar deles sem a mãe.

Contudo, ao longo do tempo, ela passou a demonstrar uma outra personalidade distinta, saíra a mulher dócil, centrada e compreensiva e no lugar dela, surgiu uma outra corroída pelo ciúme, descontrolada e por vezes, agressiva. Era incrível a mudança que ocorrera, em pouco tempo ele não a reconhecia mais. Seus filhos foram ficando silenciosos, pareciam sempre assustados, inseguros, mas nunca reclamavam, talvez por acharem que o pai precisava de uma outra companheira ou quem sabe imaginassem que naquele isolamento, ninguém fosse lhes dar ouvidos.

Contudo, desconfiado, instalou câmeras que logo comprovaram suas suspeitas, sua nova mulher estava maltratando seus filhos e isto para ele era inaceitável. Houve uma grande discussão, passional e ele a mandou embora. Ela não aceitou, rastejou a seus pés, pediu perdão, todavia a decisão estava tomada.



A verdade é que nunca a amara tanto assim, entre eles sempre existira uma parede invisível que era a sombra da primeira esposa. No fim, quando viu que não teria mais jeito, o monstro veio de novo à tona, ela o esmurrava sem parar, jogava objetos no chão, atirava-os contra as paredes, gritava, esperneava.

Ela chorava convulsivamente, totalmente fora de si, praguejava. Ele saiu porta a fora, disse que quando retornasse não queria mais vê-la por lá. Foi em busca das crianças que ele havia deixado brincando nos brinquedos improvisados e decrépitos que ficavam nos fundos da vila Garden Rose.

Entretanto, o que ele sequer desconfiava, era de que as crianças haviam silenciosamente voltado para casa. Sem que eles notassem, as crianças entraram pela porta dos fundos e tinham testemunhado toda aquela discussão. Nervoso por não ter encontrado os filhos, retornou antes do que previra, poucos minutos após ter saído, porém tarde demais para impedir outra desgraça. Ao entrar em casa sentiu forte cheiro de gás e de imediato correu para a cozinha.

Desesperado, viu um par de pernas imóveis pendendo para fora do forno do fogão com cabeças dentro dele. Correu até eles, mas não havia mais tempo, viu ambos os filhos mortos. Tomado por um acesso de fúria, gritou, pegou a maior e mais afiada faca da gaveta e subiu a escada de dois em dois degraus atrás daquela maldita mulher, também chegou tarde. Encontrou-a pendurada pelo pescoço. Seu corpo jazia para fora da janela do quarto, a corda amarrada ao parapeito da sacada. Sua vergonha estava exposta para que toda vizinhança falasse dela. O corpo ainda balançava ao sabor do vento, bem em cima do número seis daquela casa na vila de Garden Rose.

Depois disto, amargurado e oco por dentro, ele fugiu. Perambulou aqui e acolá embebedando-se e procurando respostas. Permanecia bêbado para, quem sabe, entorpecido conseguir fugir de suas dores, da culpa e do remorso que sentia. Buscava uma paz que jamais teria novamente. Ficou fora quase dois anos e quando voltou a casa estava clandestinamente ocupada. Sentiu outra vez a dor e a ira queimar seu peito. Aqueles malditos haviam profanado seu santuário e a memória daqueles que amava. Trazia consigo uma arma que adquirira em suas andanças, na verdade a intenção era usá-la para dar cabo de si mesmo ali, na sua casa, a casa 6. Só assim poderia encontrar-se com seus entes queridos, como se morrendo naquela casa, fosse passar para outra em um outro plano astral, um lugar em que, com certeza, sua esposa e filhos aguardavam por ele.

Ele então usou a arma para dar cabo dos invasores, acabou não sobrando para ele nem uma única bala para completar seu plano. Apesar dos tiros, nenhum



vizinho apareceu para saber o que havia acontecido. Sabia que os moradores da Garden Rose não eram muito lá sociáveis e preocupados um com o bem estar um do outro. Jogou os corpos no porão, fechou as cortinas e com elas o vínculo com o mundo lá fora. Por dias parecia ver a esposa sorrindo, vindo em sua direção e as crianças correndo para lá e para cá na casa. Mas no fim, estava sozinho de novo.

Naquela véspera de Natal acabou encontrando uma pequena dose de veneno de rato jogada no fundo de um armário, soube de cara que uso dar a ele. Torcia apenas para que fosse suficiente. Fez então um chá bem forte e ao invés de açúcar, o temperou com o veneno. Enquanto esperava fazer efeito, pegou um tabuleiro de xadrez montou as peças pretas e brancas, arrastou duas poltronas e as colocou uma de frente para outra. Esperou seu oponente que logo chegou. Bom, depois de perder outras duas vezes para a morte, sabia que desta vez, mesmo que perdesse, no fundo estaria ganhando sua liberdade.



# BOLA DE CRISTAL

Márcia Pavanello Pires



Meu nome é Alex. Tenho 14 anos de idade, e minha vida nunca foi simples e divertida. Enquanto os adolescentes da minha idade jogavam bola e riam, eu cuidava do meu pai, Isaac. Ele sofria de depressão profunda. Em alguns meses ele estava bem, mas em outros meses, ele ficava péssimo. Eu o odiava quando ele ficava assim, pois batia na minha mãe, Elaine. Eu presenciava o seu sofrimento constante e nada podia fazer para ajudar nem a ele, nem a ela, afinal eu era apenas um adolescente.

Há um ano, meus pais buscaram ajuda com um psicólogo diferente. Ele sugeriu que talvez um tempo fora da rotina seria bom para meu pai. Eles decidiram que ficaríamos um ano em uma vila isolada, rodeada por montanhas. Eu o odiei naquele momento. Seria perder um ano na minha vida, longe de tudo e todos.

Era dia 24 de dezembro, e seria o nosso primeiro Natal naquela casa. Meu pai não havia tido melhoras, vivia preso em seu quarto, vez ou outra bebia, e batia na minha mãe. Às vezes eu o enfrentava, e apanhava também. Ele era mais forte que nós dois. Minha mãe nunca procurou a polícia. Tinha esperanças que um dia ele iria melhorar, e então ela teria um pouco de paz. Eu não tinha esperanças, eu odiava que ele fosse o meu pai.

Olhei para fora da janela, havia uma tempestade de neve, seria impossível sair de casa pelos próximos dias. Consegui observar o portão que ficava no início da cidade, ele era no mínimo sinistro e estava caindo. Ninguém entraria, nem sairia dele por ele até a neve cessar. Estávamos presos. Havia apenas vinte casas na vila, contando com a nossa.

Durante aquela semana, eu e minha mãe cortamos um pinheiro, para que fosse nossa árvore de Natal.



Esse pinheiro foi decorado com bolas, fitas, laços, tudo improvisando o que tínhamos na casa. Coloquei na mesinha do centro da sala uma bola de cristal; tinha bonequinhos, sinalizando a nossa família, eu havia ganhado de uma tia. Era lindo e triste. Meu pai não se importava com nada disso. Dizia que era coisa de *mariquinha*. Talvez ele imaginasse que eu era gay, embora eu nunca tivesse falado a ele, apenas para minha confidente, minha mãe. Ela sabia de tudo da minha vida, assim como eu sabia da dela.

Estávamos nós três na sala. Eu lendo um livro de suspense, minha mãe bordando e meu pai fumando e tomando uísque. Ele já estava bêbado e em breve começaríamos as discussões habituais. Nem nos natais eu tinha sossego.

Um pouco depois, meu pai recebeu umas mensagens no seu celular e ficou totalmente atônito. Algo havia acontecido.

— Eu vou matar você, sua vadia — ele estava enfurecido demais, jogou seu copo de uísque na direção da minha mãe, acertando-a no braço direito. Ela gemeu de dor.

Fiquei assustado e com raiva perguntei:

— O que foi desta vez? Você está louco?

Meu pai lançou um olhar mortal para mim e sem dizer uma palavra me passou o celular dele. Pude ver imagens da minha mãe nua, transando com outro homem, ela sorria feliz. Claro, não era uma imagem bonita de se ver de uma mãe. A foto parecia ser de uns tempos atrás, pois ela estava diferente. Além das fotos, havia uma frase de quem mandou a foto: “Elaine não o merece, você deveria deixá-la ir para os braços de quem ela realmente ama. Eu”. Mas não havia assinatura, eu supus que era o próprio amante enviando as fotos.

Como eu disse, eu sabia de tudo sobre a minha mãe, e não era nenhuma novidade saber que ela traía o meu pai. Ela não aguentava a pressão de viver com ele. Ela estava com ele, apenas por pena, e porque ele não tinha mais ninguém no mundo.

Olhei para minha mãe, e ela já sabia do que se tratava. Claro, estava com vergonha por eu tê-la visto nua. Eu não me importava, só queria que fosse feliz.

— Se encostar um dedo nela, eu mato você — eu disse com coragem ao meu pai.

Ele ficou ainda mais furioso por eu encobrir a traição.

— Sua ordinária. Você me traiu com outro homem — ele gritou.



— Por favor! Perdoe-me! Foi em um momento de crise sua. Você estava por meses praticamente só vegetando, sem me fazer um carinho, sem dar atenção à nossa família. Eu só queria um pouco de paz.

— Mentirosa. Traidora. Você vai me pagar por ter se entregue a outro homem, me apunhalando pelas costas, sua vadia.

Naquele momento, meu pai avançou na direção da minha mãe, dando-lhe um soco no rosto. Ela caiu e ele caiu por cima dela. Eu tentei de todas as maneiras tirá-lo de cima dela. Ele estava tentando asfixiá-la com as duas mãos e vi minha mãe cedendo por falta de oxigênio. Com medo, peguei minha bola de cristal e joguei na cabeça do meu pai, provocando um corte fundo. Ela respirou fundo, enchendo os seus pulmões, se desvencilhou e nós dois corremos para o meu quarto.

Segundos se passaram, meu pai se recuperou, entrou na cozinha, em seguida correu em nossa direção. Eu já havia trancado a porta, mas com toda a sua força, bastou que ele se jogasse contra a porta, para ela se abrir. Ficamos parados frente a frente, e então ele cometeu uma grande loucura. Jogou a faca que ele havia pego na cozinha, e acertou o meu abdômen. Eu senti uma dor intensa, e minha visão escureceu. Meu pai assustou-se e minha mãe gritou tão alto, que só pela sua voz eu me mantive acordado, pois minha vontade naquele momento era morrer.

Com muita força de vontade, tirei a faca do meu abdômen e deixei cair no chão. Minha mãe correu em minha direção, abraçando-me, enquanto meu pai ficava olhando com espanto. E ela fez uma coisa que me chocou. Pegou a faca do chão, e com lágrimas nos olhos foi na direção do meu pai, acertando-o no coração. Ele não conseguiu dizer mais nada, e ouvi as palavras cortantes de minha mãe:

— Você nunca mais fará mal a mim, nem ao meu filho.

Ele caiu no chão, morto. Seu corpo ficaria na casa por muitos dias, até que a tempestade passasse. Minha mãe estancou meu corte, fez os primeiros socorros e precisou dar uns pontos. Para minha sorte ela já tinha sido enfermeira.

Ao badalar da meia-noite, minha mãe desejou-me Feliz Natal.



## NÃO ABRAM OS PRESENTES

Fernando Bins



O filho da puta fugiu e a vadia teve que cuidar dos fedelhos.

Essa era a versão resumida que os moradores de Garden Rose tinham sobre Vanuza e seus jovens filhos – Micheano e Sirlênio –, depois que Altório – o marido – catou as botas de cano alto, o casaco de pele de coelho, indo rumo as montanhas que fronteiravam a cidade e partiu para não mais voltar.

Morando em uma vila na saída da cidade e com apenas dezenove vizinhos, isso era motivo suficiente para Vanuza ser alvo de olhares desaprovadores e murmúrios que a seguiam como o véu invisível de uma noiva abandonada no altar.

Era noite de Natal e – como se a data já não fosse suficientemente simbólica – ela também trazia a marca de um calendário completo sem o regresso do marido. Um ano.

E desde que Altório partiu – levando os castiçais de prata que eram a única riqueza da casa e deixando dívidas que agiotas vinham todo dia cobrar à porta da casa –, a vida de Vanuza se resumiu a um inferno sem esperança de mudança.

Portanto, as cartas jogadas à mesa naquele dia anterior acabaram delimitando uma decisão.

Primeiro Vanuza seguiu para a cidade indo a loja preenchida somente por trabalhos artesanais. Nesta loja havia uma coleção de carrinhos antigos feitos de madeira aos quais, Micheano e Sirlênio haviam declarado ferrenhamente seu apreço.

Aquela mãe não tinha dinheiro para aquela coleção, é claro. Contudo, também não havia mais dignidade e, por conta dessa coleção de faltas, Vanuza não se importou em deixar que o dono da loja – um antigo amigo da família que alimentava sentimentos por ela – a tocasse inapropriadamente e promettesse a visitar em breve. Isso a permitiu levar os presentes.



O segundo ponto a se destacar sobre este dia, ocorreu quando Vanuza saía da loja onde pegou os carrinhos de madeira, deixando lá, seu orgulho. O dono do estabelecimento, vagamente verdadeiro, disse-lhe:

– Sinto muito por Altório.

Declaração esta que Vanuza não compreendeu. Ao menos não até cruzar uma banca de jornais da cidade e encontrar uma fotografia de seu antigo esposo exposta na primeira página.

“Homem encontrado morto.”

Ele estava envelhecido e a fotografia pálida do sujeito coberto pelo véu da morte não favorecia. Mas era ele. Sem dúvida, era Altório.

Filho da puta, pensou Vanuza, surpreendendo-se com a própria reação à descoberta. Esta ira, seguida de descaso, a fez não adquirir o jornal e não descobrir a causa da morte do ingrato, repulsivo e péssimo marido.

Vanuza seguiu para sua casa. Os pensamentos fervilhantes; a mente em uma névoa de angústia que parecia aguardar somente uma oportunidade para tomar uma decisão ruim.

E foi o que aconteceu.

E ela quase tombou dos próprios calcanhares, quando um risco escuro lhe surgiu detrás das toras de madeira. Vale destacar que era um dia frio aquele. E a previsão indicava uma grande tempestade a se aproximar. Dessa sorte, era muito provável que, pela noite, estariam isolados na vila. Era necessário ter lenha para aquecer a casa, para terem uma noite quente e aconchegante de Natal.

O vulto que a assustou, em tempo, era uma mamba negra. A mais mortal das cobras peçonhentas. Ou, ao menos, pareceu ser.

Vanuza, àquela altura da dor; calejada de uma vida de espera pela alegria que nunca veio, sentiu um calafrio lhe correr a espinha. E aquele sentimento não era proveniente do temor diante a cobra. Mas o que poderia fazer com ela.

Dar à Altório um digno presente de Natal.

Um cano – não maior do que dois metros – e um barbante grosso. Fora disso que Vanuza utilizou para prender a cobra pelo pescoço. E, ignorando aquele corpo que se contorcia contra seu aprisionamento, ela o levou para dentro da casa.

Micheano e Sirlênio aproveitavam o final da tarde para usufruir das últimas jogadas no campo de futebol improvisado na única rua da vila. Portanto, a casa estava vazia, ignorando a presença de Vanuza, da mamba negra e do plano perverso que as acompanhava.



O sol se despediu. Isso deu espaço para um frio ainda maior, bem como o início da prometida tempestade e, não muito adiante, uma possível queda de energia em toda a vila.

No entanto, com velas espalhadas pela casa – mesmo sem os castiçais levados por Altório –, Vanuza serviu o jantar aos filhos. Um pênfil de ovelha com molho de cerveja preta e batatas rústicas. Tudo assado no forno à lenha.

– Que gosto maravilhoso, mãe – disse Sirlênio.

– O que utilizou para temperar? – complementou Micheano.

– Alecrim – resumiu laconicamente Vanuza, servindo-se de mais uma porção do prato.

Depois do jantar, Vanuza sentou-se à sacada. A tempestade seguia forte e gélida, mas a mulher a ignorava. Assim, apanhou um cigarro e o acendeu, mesmo não levando-o aos lábios. Fazia muito que não fumava, mas a noite parecia merecer um retorno ao antigo vício.

Meia-noite, indicou o relógio de dentro da casa com um soar de doze badaladas. Vanuza, então, jogou fora o cigarro e, na última batida do relógio, entrou em casa.

– Filhos, venham aqui. Vamos abrir os presentes!

Micheano e Sirlênio saíram de seus quartos. Estavam com caras murchas pelo sono, mas ouvir o chamado para os presentes parecia preencher os ânimos.

Ao centro da sala, no entanto, haviam quatro recipientes.

– Estes presentes são os meus – ela disse, alcançando-os os embrulhos.

Eles abriram e, ao avistar a coleção de carros de madeira, um sorriso largo expulsou o cansaço do rosto dos filhos.

– Estes, agora, são os presentes de seu pai.

O sorriso, então, deu lugar a uma expressão de dúvida. Vanuza indicou os presentes aos filhos e disse-lhes que escolhessem o seu, completamente ao acaso.

Duas caixas de madeira. Ambas do mesmo tamanho. Mesmo peso e formato retangular. O que as diferenciava, porém, era somente o que as preenchia, pois, dentro de uma delas, havia tão somente um punhado de pedras e, na outra, em contraponto, um peçonhento animal rastejante aguardava, pronto para um bote mortal.

O filho da puta morreu e a vadia matou um dos fedelhos – essa era a versão resumida que os moradores de Garden Rose tinham sobre Vanuza e sua família.





## PRESENTE DE NATAL

Lorena Caribé

Acredito que todo mundo deseja receber um presente de Natal e bem lá no fundo, se sentem especiais quando são lembrados. Quando esse presente não vem, por algum motivo, simplesmente seguimos em frente, começamos a pensar que é só um detalhe bobo. Alguns costumam dizer que serve apenas para aquecer as vendas no comércio. Já eu, acho que não precisa ser necessariamente algo material, mas uma atenção, um carinho, um momento especial com as pessoas que amamos que, na verdade, deveria se eternizar e durar por todo o ano, não apenas um dia.

Essa distância entre as pessoas, essa falta de atenção, ou ausência, termina sendo rotina e nos acostumamos ao esquecimento, principalmente daqueles mais próximos, dos que mais amamos. Ou pior, se torna apenas uma data com frases vazias, desejos vazios, com trocas de meros cumprimentos por educação, por obrigação. Algo puramente mecânico.

Na minha vida, confesso que já tive momentos felizes, junto aos meus amigos e familiares. Essas lembranças machucam, doem, ainda mais quando lembro que não voltarão. Essas pessoas já não existem mais, não posso abraçá-las, beijá-las, dizer o quanto ainda significavam para mim. Não estão mais nesse mundo. É verdade, tudo passa. Tudo na vida, uma hora passa. Já ouvia essa frase e não acreditava que uma hora dessas chegaria para mim.

Pensamos que nossa vida seja eterna, que as pessoas são eternas, que os momentos bons serão para sempre. Vivemos cada dia de forma descartável sem valorizar cada instante. Reclamamos tanto, nunca estamos totalmente satisfeitos. Achamos que falta alguma coisa e estamos em busca de algo mais. Deixamos de falar para os outros o quanto eles significam para a gente, o quanto são importantes, seja por medo, ou por achar que teremos o “depois”.

Nunca fui dada a sentimentalismos, mas nessas épocas não sei o que acontece comigo.



Um ano se passou. Continuo aqui nessa mesma casa, com minhas lembranças e amarguras. Culpa daquele velho jornal que me faz lembrar dessa data. Meus dias estavam passando como todos os outros. Até que um vento forte abriu a porta e eu vim aqui fechar, quando me deparo com esse maldito jornal e todas as lembranças voltaram com toda força. Lembro tanto dos sonhos alimentados por anos, até que finalmente consegui vim parar nesse país, achando que tudo ia melhorar, tudo seria diferente. Aquele velho “sonho americano” que não serve de nada. Muitas vezes a realidade é cruel.

Durante esse ano que passou, juro que tentei encontrar um novo emprego, fazer novos amigos, mas para uma pessoa em terras estrangeiras, tudo é mais complicado. Viver não é nada fácil, aprender a conviver com os outros, mais difícil ainda. Cada cabeça tem uma visão do mundo e as pessoas parecem que tem o dom de te colocar para baixo. Acho que elas se sentem bem com isso.

Chegamos a duvidar de nós mesmos, do que somos capazes. Difícil manter a sanidade, ainda mais sozinha e isolada do mundo nessa vila onde os vizinhos parecem mais uns fantasmas, cada um preocupado com seus próprios problemas. Imagina se eles iriam se importar comigo. Às vezes até tento visitar uma casa ou outra, mas até o tempo atrapalha. Tem horas que eles parecem que não estão me vendo, ou simplesmente me ignoram, não sei se o problema é comigo, ou é com os outros.

Costumam falar que cada um tem o que merece. Cada um tem o presente de Natal que realmente merece.

Pergunto-me se mereço o que estou passando. Esse ano passou tão rápido que não senti. Parecia que eu estava em transe, vivendo no automático e hoje acordo para pensar sobre a vida, sobre os outros, sobre o que passou e o que está por vir. Uma hora temos que fazer isso, seja para o nosso bem ou mal, sei lá. Talvez eu tenha minhas culpas, meus erros, e quem não os tem, eu sei. Hora de pensar nas mudanças, hora de acordar e ver o que fiz da vida, do que posso fazer para sair dessa, sair desse lugar terrível que me meti. Não imagino que as coisas possam cair do céu.

Seria tão bom se aquele bom velhinho, nosso Papai Noel fosse de verdade e viesse nos visitar trazendo um belo presente. Se ele pudesse fazer o tempo voltar atrás, esse seria meu grande presente, eu juro que faria tudo diferente.

Mas o mundo caminha, o tempo não para. Se queremos ainda alguma coisa, temos que nos levantar e tentar seguir em frente. Só espero que ainda haja tempo para recomeçar.



## CRIANÇA

Rafael Valore



Ao voltar do trabalho e do supermercado, depois de descer de seu carro em frente a pequena vila e suas casas nevadas, Daniela Wiltmann chafurdava suas botas na neve, com o rosto enfiado entre dois grandes pacotes de compras.

Ao passar por uma das primeiras casas da vila, teve vontade de fazer uma visita, mas como sempre, nesta data do ano, ela evitava bater a campainha daquela casa. Certas pessoas queriam ser deixadas em paz neste dia de véspera de Natal.

Ela própria já estava começando a não se sentir boa companhia nesta época do ano. Seus últimos natais haviam mudado algo dentro de si.

Daniela tornara-se introspectiva e silenciosa, frequentemente sendo flagrada com os olhos na distância.

Estacou e suspirou, olhando para as janelas fechadas, cobertas de neve, escuras. Ajeitou os pacotes nos braços e seguiu.

Caminhou mais alguns passos até em casa.

Estava a cento e cinquenta milhões de quilômetros do sol (1). Ou não tanto, de acordo com signatários da teoria-da-terra-plana, com os quais se entretinha no *site Youtube*, para se distrair e estudar curiosidades.

Anoiteceu como em todos os últimos anos, lenta e dolorosamente.

Frank não viria, estava casado e ocupado.

A solidão era algo que chegava a ser tangível, e não havia nenhuma razão para preparar uma ceia.

Alguma comida semi pronta de pacote serviria, e depois, cama.

Mas as sombras da casa, as memórias. Especialmente as canções. Tudo aquilo evocava uma dor. Uma dor surda, muda, está certo; mas presente.

Cavoucou nos armários, e achou meia garrafa de *brandy*. “Vai ter que servir”, pensou. Um conhaque barato utilizado para temperar *strogonoff*.



Desabou na poltrona diante do janelão descortinado, que anunciava o anoitecer solitariamente tenebroso.

Sacou a tampa e dragou o conhaque de forma violenta: “É”.

O aperto dentro dos olhos, um choro sem razão específica, chegava a arder.

Entornou o copo quadrado, daqueles de se beber destilado.

Bufou, subiu a escada lentamente tirando a jaqueta. Escolheu roupa velha e confortável e tomou banho lentamente.

De mais bom humor, desceu e foi cozinhar um pouco. Não havia festa, mas uma moça tem que comer.

Jantou seu macarrão-com-queijo de pacote.

E depois sentou na poltrona diante do janelão, com seu conhaque, e acendeu um cigarro. Antes que terminasse mais um suspiro de solidão, ouviu algumas batidinhas leves na porta.

Levantou-se em uma certa perplexidade, e foi atender.

Quase pensou que começara a imaginar coisas, por conta da solidão, porque parecia não haver ninguém ali. Quando olhou mais embaixo, entretanto, ali estava uma menininha de uns seis ou sete anos.

— Boa noite, moça.

— B-boia noite. – Daniela olha em volta. Nenhum adulto à vista, na verdade quase nenhuma luz acesa na rua. Como aquela garotinha tinha sequer atravessado a altura da neve, que dava macia na cintura da criança se ela caminhasse na rua?

— Posso entrar?

— P-pode, mas... mas...

Ofereceu o caminho para a criança, sem muito entender.

Ela ofereceu um assento na mesa, puxando uma cadeira.

— Quer um refrigerante?

A criança assentiu que sim.

Daniela foi à cozinha pensando: Meu Deus, o que eu posso oferecer para esta criança comer?

Voltou da cozinha com um copo e uma garrafa de Coca-Cola, e depôs diante da mocinha, por sobre a mesa.

Daniela ergueu uma perna sobre sua cadeira, baforando seu cigarro, ajeitando o cabelo, intrigada.

— Como é o seu nome, mocinha?



— É Erika, senhorita.

— Sou Daniela, pode me chamar de Dani. – O sorriso era reconfortante e cativante.

— Onde estão os seus pais?

A menina simplesmente acena em uma direção longínqua rumo a muito depois do portão caído do começo da rua.

— Hm. Você está com fome?

A menina sacode “não” com a cabeça.

— Mesmo assim devo preparar algo, você vai ficar com fome em algum momento. Você pode me passar o telefone de seus pais? Eles devem estar preocupados. Eu liguei para eles... isto se as linhas telefônicas estiverem funcionando este ano.

A menina sacode “não” com a cabeça.

— Não têm telefone.

Daniela suspira, apertando os olhos e franzindo o rosto um pouco.

De repente alguns pensamentos começam a passar pela sua cabeça.

Ela apontou mesmo na direção do velho cemitério que ficava um pouco além da vila? De onde surgiu esta criança? Creio conhecer todas as poucas crianças que sobraram no povoado, pensou Daniela.

A menina fitava as fotos na parede e sobre a lareira, onde estavam os troféus de futebol e outros esportes de Frank.

— Você quer ver?

A menina assente que sim, e Daniela puxa um álbum de fotos e algumas molduras para mostrar.

— Esta é minha favorita – mostrou a foto onde estava com seu irmão e os falecidos avós no Grand Ole Opry, no Tennessee. – Vovô quis esta viagem por anos. Confesso que não gostava de música *country* na época, mas eu gosto agora. – e riu um pouco.

A menina assentiu com a cabeça com um sorriso tímido, enquanto olhava para a fotografia na moldura.

— A senhora Wiltmann sente muito – deixou escapar.

Aquilo arrepiou os cabelos de Daniela.

— Hm?!

Ela tranquilizou-se imaginando que o sobrenome estava escrito na capa do álbum, e com seus prováveis sete anos a menina já havia sido alfabetizada.



De outra forma, aquilo seria... um recado de sua avó morta, dado pela criança?

— Bom, vou encontrar algo para você comer, eu suponho. — Levantou-se e foi para a cozinha.

Na volta, nada da menina. Evaporara.

Ela olhou em volta, e não havia nenhuma pegada na neve.

Um senhor que morava na casa 20, enrugado, curvado e com olhos profundamente negros, passava rumo a sua casa, tentando caminhar na neve fofa e profunda.

— Senhor, você viu uma criança passar por aqui?

— Criança? Acho improvável – respondeu o velho com um pequeno sorriso sinistro no canto da boca.

Sim! Seria algo de impossível a uma criança pequena atravessar a neve naquela altura sem afundar, sem ser vista ou ao menos deixar algum rastro.

Daniela dá de ombros, e entra em casa sem entender, fechando a porta atrás de si.

Ela afundou na poltrona, tomou um trago profundo de conhaque, acendeu um cigarro. E piscou os olhos duas vezes. E suspirou.

(1) – Para aqueles que reconhecem a divisa, estou homenageando William Peter Blatty descaradamente aqui. “*He was ninety-three million miles from the sun*”, escreveu ele do personagem Amfortas, em *Legion*; O Espírito do Mal, na tradução portuguesa. *Nota do Autor*.



## O PRESENTE DE CADA UM

Cláudio Mendes



—Mãe, a ceia já está quase pronta? — Dyane perguntou com sua fome de treze anos.

— Quase, filha. Chama seu pai e seus irmãos — respondeu Corine ajeitando a salada dentro de uma travessa.

Dyane foi ao quarto dos irmãos. Clint, o mais novo, jogava em seu Play Station obsoleto enquanto Charl visualizava mensagens no celular mesmo com a internet horrível de Garden Rose nessa véspera de Natal.

O pai, Dalton, lia seus poemas encadernados diante da partida de NBA que se encaminhava para o final na TV a cabo.

Com sua voz soluçada, Dyane chamou um por um. Ninguém fez gesto ou soltou palavras de entendimento. Ultimamente todos andavam tão silenciosos naquela casa que esse Natal parecia ser o pior de todos os natais vividos pelos Thosalkes.

Em cinco minutos já estavam assentados em volta das escassas iguarias da família em aperto financeiro. O pai seguia com seus versos. Charl propôs uma atividade. Cada um escreveria seu pedido e colocaria na lareira. Assim, a fumaça chegaria aos céus.

Todos concordaram, exceto Dalton que nada manifestou. Os demais o miraram com olhos pedintes. Ele hesitou um pouco e cedeu. Cada um em segredo escreveu o que queria ganhar naquela noite sabendo que seria um Natal magro. Era apenas para exercitar os desejos.

Dalton não sabia como dizer para os filhos que não tinha presente para ninguém. Não sabia também como desabafar sua tristeza e desencanto pela vida.

Assim que os cinco pedidos viraram fumaça, começaram a cear apesar de não ser meia-noite, mas próximo disso na pequena vila.



O silêncio imperava. O senhor Thosalkes parecia mais aborrecido que o normal. Ninguém iria lhe pedir um sorriso.

Pouco depois de entrarem no dia 25 de dezembro, as crianças foram se recolher aos seus aposentos. Corine rapidamente lavou todas as vasilhas. O pai carrancudo voltou para sua velha poltrona em frente à TV.

Clint ouviu um barulho em sua janela e mal pode acreditar quando duas caixas sob a neve apareciam do lado de fora. Tocou o braço do irmão mergulhado em seu fone. Pegaram os presentes.

Teriam sido atendidos em seus pedidos? Sim. Era justamente isso que os surpreendiam e os alegravam. Sequer questionaram sobre como tudo poderia ter acontecido. Para Clint um Xbox novo com seus jogos desejados. Para Charl um Iphone de última geração como os de alguns colegas seus da escola.

Clint logo se distraiu com seu jogo. Sabia das histórias dos natais passados e isso o preocupava em seus medos de pré-adolescente. Charl seguiu a atitude do irmão, louco para explorar seu aparelho.

Isolando-se como todos, Corine se dirigiu para sua alcova. Sequer passou nos quartos dos seus filhos. Viu o seu pedido. Teria sido Dalton? Não. Ele não saberia. Não compartilhavam mais seus ensejos já há algum tempo. Ao pegar o presente, ateu-se ao vulto do vizinho e sua esposa. Uma ponta de inveja lhe beliscou as entranhas. Suspirou fundo e pegou a caixa de maquiagem. Gargalhou silenciosamente.

Dalton seguia rígido em sua poltrona no meio da sala. No DVD assistia Top Gun - Ases Indomáveis, por nostalgia. Um pressentimento lhe fuzilou a cabeça junto com Take My Breath Away. Riu sarcasticamente. Seu pedido não chegaria numa caixa. Mas percebia a presença do espírito que invocara naquela folha de papel. Seu sangue estava ficando quente enquanto o ambiente esfriava. Esse Natal em Garden Rose não seria diferente. Haveria tragédia e seria em sua casa. Ela não precisou entrar, estava ali, ele sempre soube. A alegria dos demais atormentava seu coração. Mas vingaria. Assim que ouvisse o último suspiro deles, passaria pela última vez naquele portão decaído sob a tempestade.

Clint se deliciava com as fases de Halo 5: Guardians. Charl ouvia suas músicas preferidas. O menino notou um personagem alheio ao jogo. Ele não atendia comandos. O intruso foi se transformando numa figura tenebrosa. A risada lançada em direção ao garoto o assustou. Esticou seu braço direito e Clint viu quando ele ultrapassou a tela e lhe atingiu os dois olhos com duas unhas pontiagudas. Gritou e chorou.



Foi ouvido apenas por Dalton que não se locomoveu, apenas riu.

Está apenas começando, pensou ele. Novamente a mão apertou o pescoço do garoto. Ele morreu ao lado do irmão que não percebeu e nem podia. O sangue começava a escorrer dos ouvidos de Charl, deixando-o surdo. Diante do espelho viu seu fone sendo sugado pelas orelhas, apertando-lhe o cérebro. Bateu com a cabeça em seu reflexo. Estilhaços caíram no chão. Começou a cambalear pelo quarto e tropeçou no irmão. Caiu sobre um dos pedaços do espelho que estava em pé, esperando sua jugular para cortá-la.

Imersa em seu desespero, a mãe nada ouviu. Ao experimentar sua maquiagem, o pó se transformará em vermes carnívoros que começaram pela língua e pelos olhos. Em poucos minutos restaria apenas os ossos da mulher que nunca soube o que é amor de verdade.

Dalton foi de quarto em quarto ver a concretização de sua vingança. Viu o pouco que restava da esposa que o traia com o vizinho. Olhou para a casa ao lado e lamentou não ter incluído o amante. Junto com a morte para a traidora, pediu o apodrecimento dos frutos desse casamento equivocado. Dois feneciam sobre o tapete do quarto. Faltava verificar a menina, mas para sua surpresa, quando bateu na única porta fechada, ela o mandou ir embora. A pirralha não tinha recebido a maldição ainda. Ele não sabia o que cada um teria pedido.

Voltou para a sala, serviu-se de um copo de uísque e reclinou-se para continuar assistindo o DVD. A bebida começou a se solidificar em sua garganta. Estava engasgando. Tentou enfiar o dedo na goela quando percebeu que ele não estava em sua mão, mas sobre o controle remoto fazendo a televisão mudar de canal.

— O que está acontecendo? — Dalton indagou.

Uma voz gutural saiu da TV:

— Eu atendo a todos que me invocam. Estou atendendo Dyane que estava cansada de ser molestada por um pai desalmado. Ela nunca quis e não quer mais esse dedo imundo sendo introduzido em suas partes íntimas, seu velho pedófilo. Não respeitou sequer sua filha.



## DESERÇÃO

Carolina Utinguassu



Um jovem casal, Flávia e Cristiano, viajava pela serra acolhidos pelo clima frio das montanhas quando eles avistaram um curioso vilarejo no meio do nada. Pararam naquela vila localizada na saída da cidade, com suas 20 casas de estilo rústico; até mesmo o portão de aparência frágil destacava a simplicidade da rua de acesso contornada por galhos secos de pinheiros cobertos de neve. Eles precisavam ficar naquele lugar. Mas por quê?

Nunca imaginaram morar num local afastado. Quem sabe ficar longe da violência, do trânsito e do calor insuportável fosse interessante? Os parentes não entenderiam o motivo de tal exagero. Por isso, o casal só contou a novidade quando já tinham feito a mudança. Eles definitivamente queriam paz.

De uma hora para outra, seu pai começou a visitá-la frequentemente. O relacionamento entre eles era conturbado, pois ele foi ausente na juventude dela. Sua presença por alguns dias não foi saudável para o casal; Flávia passou a ficar ansiosa e depressiva. Na véspera de Natal, onde todos conheceriam a nova moradia, a mãe de Flávia foi a primeira a chegar. Inexplicavelmente, Flávia sentiu necessidade de falar no assunto da sua amnésia antes dos 10 anos de idade. Elas estavam sozinhas na pequena sala de estar:

– Mãe, como você sabe, eu não lembro nada de antes dos meus 10 anos. Estou tendo contato com umas amigas de infância e é muito estranho, fico deslocada do grupo, não tenho o que comentar, não sei como elas lembram que estudamos na sala amarela e rosa no jardim, que a professora Suzana era da sala verde, quem repetiu de ano, outros colegas dos quais não recordo, quando uma gangue entrou na escola, quando jogávamos basebol, quem frequentava a casa de quem...

– É mesmo, minha filha? Bom, eu também tive uma amnésia e esqueci tudo da minha adolescência antes da morte do meu pai.



– É nisso que eu fico pensando. Aconteceu alguma coisa comigo, mãe? Sei lá, alguma briga terrível com o pai, algum trauma?

A conversa se prolongou por mais alguns minutos e, após um longo silêncio, Bete sondou:

– Você sente algum mal-estar com o seu pai em algum momento?

– Ah, eu tenho vergonha de ficar de biquíni perto dele ou com roupas curtas, sei lá.

– Como assim? – Bete ajeitou-se na poltrona enrugando a testa.

– Tenho vergonha, ou não gosto, sei lá... Não gosto de muita aproximação ou quando ele me dá beijo no pescoço. Acho desnecessário. Não é sempre que ele faz isso, mas já fez.

– Eu vou contar uma coisa que a sua irmã me disse e que não pode sair daqui; eu não ia falar, mas já que você tocou nesse assunto... Promete?

Flávia assentiu, mas já imaginava do que se tratava. Há cerca de um mês, Helena comentou com Flávia que o pai delas sempre a olhava de um jeito anormal.

– Enfim, a tua irmã me contou de um episódio...

– Fala, mãe.

– Tá – Bete ponderou antes de continuar. – Um dia, quando eu trabalhava fora, o seu pai foi buscar vocês na vó. A mana estava dormindo e ele chegou no quarto, no escuro, e se agachou ao lado da cama. Ela percebeu a presença dele, mas ficou de olhos fechados. Aí, ele começou a mexer na calça dela... começou a botar a mão por dentro. Eu perguntei para ela o que ele fez, aí ela só dizia que ele estava tocando de um jeito diferente, um jeito que um pai não toca. E ele continuou tentando botar a mão mais para dentro. Daí a vó de vocês chegou no quarto e perguntou, furiosa, o que ele estava fazendo. Ela xingou ele, mandou sair e deixar a Helena em paz. Ele disse que não estava fazendo nada. A pobrezinha ficou morrendo de medo e continuou imóvel. Desgraçado! Por isso que eu larguei meu emprego, a minha mãe me contava que ele fazia constantemente aquelas cócegas irritantes em vocês na virilha, perto da vagina. Só faltava enfiar os dedos.

– Chega, mãe, não quero mais falar nisso.

À tardinha, outros parentes foram chegando na rua sem saída: tio, tia e o primo Pedro, que é neurologista. Ventava muito, a madeira do portão era de apenas uma polegada, o vento sul empurrava com tanta força que o entortou e abriu. Os visitantes viram as casas muito parecidas, dez de cada lado da rua sem



saída e percorrendo-a achara que havia algo parecia estranho ali. Seria mesmo o endereço correto? Queriam sair e ir embora, mas quando chegaram em frente à casa 12, Flávia abriu a porta.

Os visitantes entraram e se acomodaram e, no meio das conversas, Pedro revelou que fazia hipnose. Flávia falou de seu bloqueio e perguntou se isso funcionava. Pelo fato da vila ser tão longe do consultório de Pedro, ele se ofereceu para fazer o experimento naquele momento. Sem custo. Ela relutou:

– Melhor não desenterrar algo desagradável, né? Se eu esqueci é porque minha mente estava me protegendo de mágoas terríveis que não valiam a pena lembrar. E se eu criar uma falsa memória?

Ignorando a última pergunta, Pedro insistiu:

– Pode ser uma coisa mais boba, como *bulling*, e então você ficará aliviada e livre. Um evento traumático causou um bloqueio, uma amnésia dissociativa. Confia em mim, menina!

– Está bem, acho que não vou ter outra oportunidade como esta.

Flávia e Pedro dirigiram-se para o quarto de hóspedes. Levou um tempo para a respiração dela entrar no ritmo ideal. Pouco a pouco uma sensação de esmagamento crescia, cenas repetidas de seu pai emergiram, ouvia as risadas dele que se aproveitava da sua ingenuidade para percorrer partes proibidas de formas variadas. De súbito, acordou repetindo:

– Maldito, que raiva! Chega! Apaga isso da minha cabeça!

Mas era tarde demais para voltar a esquecer. Cristiano não podia saber. Sofreria calada. À noite, iniciou-se uma tempestade de neve, e logo o pai de Flávia chegou, deixando-a angustiada, pois as palavras e gestos dele lhe causavam repulsa. Ela foi fumar um cigarro nos fundos. Sabia que era o fim da sua felicidade. “Livre-se disso”, alguém sussurrou.

– Quem é?

O vento a empurrou em direção à parede a sua frente. “Pendure a corda no telhado”, disse a voz. Mecanicamente, Flávia subiu num banco. *Quem fez os nós?*

Pedras de granizo se chocavam contra o corpo de Flávia. As janelas sacudiam e os vidros racharam com o impacto da tempestade. Quando a corda já estava no pescoço de Flávia, o banco voou longe. Craccc!



## O ÚLTIMO NATAL

Grazielle Pacini Segeti



Nevara muito naquela noite, a visibilidade da estrada era precária, tinha que parar o carro, era uma questão de segurança. Não conseguiria chegar em tempo para a ceia.

Seu celular estava sem bateria, não tinha como avisar sua família, nem como chamar por socorro. Precisava mesmo dar um jeito de sair dali.

Para onde olhava só via montanhas. Havia perdido a entrada de uma cidade há poucos metros por estar bloqueada pela neve, mas logo enxergou uma saída na estrada, pela distância ainda deveria ser a mesma cidade, a placa com o nome estava coberta de neve, era impossível ler. Avistou uma viela que levava a um portão entreaberto, parecia quebrado, um tanto torto, meio caído, balançando e rangendo seus parafusos enferrujados; por certo nem fechava mais, chegava até mesmo a ser meio assustador. Atravessou-o, pensou em procurar por alguma hospedaria, um abrigo quente, enquanto os presentes das crianças teriam de esperar por mais uma noite no porta-malas.

Do outro lado do portão havia apenas uma rua sem saída com algumas casas geminadas de ambos os lados. Podia perceber fumaça saindo de suas chaminés, o que as tornava um precioso objeto de desejo, quente e acolhedor. Foi contando, uma a uma, havia dez de cada lado, era tudo o que havia naquele vilarejo. Não tinha aonde ir, onde comprar suprimentos ou se hospedar, voltar à estrada era muito perigoso, já estava tarde. Em volta da viela, só montanhas e neve. Decidiu então pedir abrigo de porta em porta, haveria alguma alma caridosa naquela vila. Afinal, era véspera de Natal.

Estacionou e escolheu uma casa aleatoriamente. Saiu do carro, o vento era cortante, a neve no chão logo umedeceu seus pés despreparados para aquele clima. Parou diante da casa 13 e bateu. Aguardou alguns segundos que, por causa do frio, pareceram longos minutos. Nada. Nenhuma resposta. Bateu novamente, mais forte dessa vez. Estava cansado e impaciente.



Mantinha a cabeça baixa para se proteger do frio, o vento zumbia muito forte, não era capaz de ouvir nenhum som dentro da casa. De repente, a porta começou a se abrir e ele se deparou com um par de pantufas verdes de veludo que pareciam ser muito confortáveis e quentinhas. Subiu seu olhar para ver quem as calçava e viu duas longas e grossas meias pretas; uma saia de lã até abaixo dos joelhos que deixavam à mostra três dedos de pernas; um cachecol cinza e um velho xale de tricô.

- Meu Deus, entre! Você vai se congelar e vai gelar minha casa também – ordenou uma simpática senhora, sem questionar sua procedência.

Sem pestanejar, obedeceu.

Foi convidado a se sentar em uma poltrona bem posicionada ao lado de uma lareira que mantinha a sala aquecida e logo recebeu um cobertor e uma caneca de chocolate quente para esquentar seu corpo.

A dona daquele ninho acolhedor era uma senhora de uns 80 anos, cabecinha branca, pele enrugada, sorriso murcho de lábios caídos e dentes faltantes. Poderia ser sua avó.

Observava o lugar e parecia não haver mais ninguém na casa, além dela e muitas cabeças de animais empalhadas que não tiravam o olho dele. A senhora era uma apreciadora da taxidermia. Aqueles olhares presos à parede o seguiam, em qualquer ângulo da sala. Estava constrangido de pedir para pernoitar lá, mas já eram quase 22h e não tinha aonde ir.

- Senhora, agradeço muito ter me recebido, gostaria apenas de algo para comer e se a senhora me permitir, dormir aqui no sofá esta noite, amanhã pela manhã vou embora. Estou ansioso por passar o Natal com minha família.

- Não se preocupe, pode ficar, não tenho uma ceia Natal como a das casas ricas, mas tenho uma sopa quentinha no fogo. E você está com sorte, meu jovem, eu tenho aqui uma garrafa de vinho que meu filho trouxe a última vez que veio me visitar. Creio que hoje seja uma boa ocasião para abri-la.

Realmente o aroma daquela sopa tomava conta da casa. Embora não fosse a noite de Natal ideal, com a fome e o frio que estava, aquilo era mais que perfeito.

Sentaram-se à mesa, tomaram da sopa e do vinho e conversaram bastante. A velhinha era falante, talvez por passar muito tempo sozinha, nunca ter com quem conversar, falava sobre a família que nunca ia visitá-la, que estava triste por passar o Natal sozinha e que a sua visita naquela noite fora, de fato, providencial. Isso aliviou um pouco seu desconforto, mas não sua tristeza.



- É uma pena que tenha que ir embora tão cedo. Amanhã no almoço farei torta de carne.

- Seria um prazer ficar mais um pouco com a senhora, mas tenho que ver minha família. Devem estar preocupados comigo. E estou com saudade deles.

- Claro, por certo que sim. Bem, já são 23:40, é quase Natal. Mas estou muito cansada, vou me recolher. Será que, no entanto, você poderia me fazer um favorzinho primeiro?

- O que a senhora precisar.

- Só gostaria que me ajudasse a cortar a carne para a torta de amanhã, se não for pedir muito. Está lá no porão, o freezer fica lá em baixo.

Desceram. Ele à frente, pois o porão estava escuro. Quando ela acendeu as luzes, ele ficou horrorizado ao ver que ela possuía uma outra coleção de cabeças empalhadas, só que essas eram cabeças humanas. Virou-se para trás e ela já estava com um enorme machado preparado para ele, agradecendo-o por ter ido de bom grado fazer parte de seu acervo e ainda providenciando carne fresca para o almoço.

Não podia acreditar no que acabara de ouvir e no que estava vendo. Aquela doce e meiga velhinha era uma fria psicopata.

Tentou fugir, mas não tinha aonde ir. À sua frente só havia uma parede com as cabeças e à sua esquerda, uma parede com artigos de jornal sobre casos misteriosos de desaparecimentos de pessoas que a polícia nunca havia conseguido resolver. A última coisa que ouviu antes do golpe fatal foi:

- Feliz Natal mocinho!



## CEIA CARMESIM

Fernando Mello



Antônia observa, através da janela de vidro da sala de sua casa, a neve que assola toda a vila onde reside. Mal consegue ver as residências de frente a sua. A neblina de tão branca, torna-se densa. Embora esteja isolada com o filho e os familiares, que conseguiram chegar em sua moradia três dias antes, está animada por ser véspera de Natal; noite de confraternização. E por ter conseguido comprar lembrancinhas para cada um deles a tempo, junto com um presente especial para seu amado filho que merece por ter sido aprovado na escola na cidade e, principalmente, pelos maus bocados que passou durante o processo de separação dela com o pai dele.

O divórcio em si não foi um grande problema, porém, toda sua convivência com um homem que sofre de transtorno bipolar deixou-a marcada, tal como seu primogênito.

Agora, mãe solteira, encontra-se mais leve, à vontade com a vida. Feliz por poder respirar com alívio.

André, com doze anos de idade, anda alegre. Sorri facilmente. Consegue interagir com todos. E mesmo morando num local isolado, em meio às montanhas, consegue driblar a solidão com leitura e estudos.

— Mãe, vai ter presente? — André pergunta.

— Sim. Irei dar depois do jantar.

— Oba! — O garoto entusiasma-se. — Vou voltar a brincar com meus primos, mamãe! — diz, correndo para onde estão as outras crianças.

Antônia sorri para seus dois irmãos, pai e dois cunhados que estão conversando no balcão do bar que fica entre a sala de jantar e a cozinha. Depois, volta para a cozinha onde as mulheres da família estão trabalhando duro para um jantar perfeito.

Sua irmã mais nova, preparando salpicão, a mais velha, despejando as comidas já prontas em suas respectivas vasilhas e travessas.



Uma de suas cunhadas está tomando conta dos pratos, talhares e copos, a outra está lavando toda a louça suja até o presente momento, e sua mãe está tomando conta do principal símbolo do jantar de Natal: o peru.

— Nossa! Teremos um banquete e tanto! — Antônia diz e emenda: — A tempestade está forte, não dá nem para ver as outras casas da vila.

— Sinceramente, não sei por que você veio morar nesse local longe da urbanidade. Esse lugar parece cenário de filme de terror. Já notou que logo na entrada parece ser um cemitério, com aquele portão enferrujado e caindo aos pedaços? Aqui não existe algum tipo de líder comunitário para zelar pelo aspecto do ambiente? — Sua irmã mais velha indaga.

— Os recursos aqui são mais difíceis, ainda mais porque temos de ir até a cidade para resolver qualquer coisa — Antônia responde.

— Vamos mudar de conversa, esta noite é para aproveitarmos a nossa reunião e não para questionarmos as coisas — a mãe delas diz.

A cozinha torna-se o ambiente mais barulhento da casa: todas as mulheres reunidas, pondo as novidades em dias, contando as últimas fofocas, falando sobre homens, rindo alto. Um clima de harmonia sistêmico. Antônia sentia falta desses momentos únicos com seus entes queridos.

Durante seu casamento, seu ex-marido proibia que seus familiares andassem na casa, simplesmente por não gostar de nenhum deles, e o isolamento fazia com que ele quisesse ficar longe de qualquer contato social que não fosse do seu trabalho na cidade. Ela nunca o entendeu. Passou um tempo questionando-se sobre o motivo que a fez se apaixonar por ele: pela beleza. Nem tudo que aparenta ser belo, quer dizer que no fundo seja algo bom, no caso, *alguém bom*.

O jantar é servido à meia-noite em ponto. Durante a fartura, todos conversam entre si, as crianças comem unidas na ponta da mesa que dava de frente para a porta.

Quando todos terminam, Antônia pega a sacola com presentes dentro e ao voltar para mesa, começa a distribuir, entregando o último presente para seu filho. Ela comprou a coleção de livros que ele tanto pediu durante todo o ano. Resultando, no final, em alegria coletiva.

— Eu também trouxe algumas lembrancinhas para vocês, mas esqueci dentro do carro. Pode pegar para mim, amor? — Indaga a mãe de Antônia.

— Você é sempre esquecidinha, não é?! — O pai dela diz para sua mãe.

— Ainda bem que tenho você para me socorrer nos momentos de esquecimento — sua mãe diz, e todos riem.



Ele vai pegar as coisas no carro que está no meio da tempestade branca, saí da casa fechando a porta.

Ele vai ter de apertar a campainha quando voltar, Antônia pensa.

A campainha toca, confirmando seu pensamento.

— Eu abro — sua mãe diz.

Todos continuam a conversar.

— Ahhhhh!

O grito dela ecoa para dentro da casa. Todos se levantam alvoroçados para ver o que ocorreu. Antônia corre para perto das crianças junto às outras mulheres.

A mãe dela cai de costas no chão, ensanguentada, a porta abre-se bruscamente com seu pai caindo de cara no piso com toda força, dando para escutar o som da cartilagem do seu nariz quebrando. O vento frio circula dentro da casa.

As mulheres começam a gritar em desespero, as crianças choram com medo.

Antônia agarra-se a André que está frio e trêmulo.

São disparados tiros de fora para dentro causando um efeito dominó nos homens que haviam ido socorrer os anfitriões, uns com buracos na cabeça, outros no peito e barriga.

Rômulo — ex-esposo de Antônia — aparece na porta, entra, fecha-a, com um resolver em punho, apontando na direção das mulheres e crianças. Ele começa a atirar em todas elas, deixando apenas Antônia e André vivos, que choram em desespero.

Ela abraça tão forte seu filho que tem medo de estar sufocando-o, mas seu instinto deseja protegê-lo de qualquer coisa que possa feri-lo.

— Pensou que eu ficaria longe?! Vocês são *meus*! Vamos ficar juntos para sempre lá do outro lado.

No rosto de Rômulo, grandes olhos expressivos e vazios.

Então, ele puxa o gatilho matando primeiramente Antônia, em seguida assassina seu filho com um tiro na cabeça. Por último posiciona a arma em sua boca e ao puxar o gatilho nada acontece. Todas as balas acabaram.

Rômulo abre os olhos, repara a cena ao seu redor e sente-se mal; culpado. Arrependido. O ódio foi o que lhe impulsionou a cometer tal atrocidade, destruindo o Natal desta família e desgraçando sua vida para sempre.



## A CEIA NATALINA

Regiane Silva



- Não acredito que tudo deu errado! Não vou comer a ceia natalina!  
AH!AH!AH!

A polícia já tinha cercado a residência dos Kennedy, localizada numa vila de vinte casas, na saída de uma cidade que fica no meio de montanhas isoladas. Kios fumava seu último cigarro. Pés sobre a mesa, roupas sujas de sangue. A faca que cortaria o peru natalino com a prova do crime. Ele dava altas gargalhadas. Não tinha nada a perder. Era um pobre desgraçado. Só queria cear com uma família. Comer umas rabanadas açucaradas, algumas fatias de peru, um pouco de salpicão de frango.

- Por que ela tinha que chamar a polícia antes de cear? – Indagava ele.

Quando Kios entrou na vila por um portão meio caído no começo da rua que dá acesso às residências, observou atentamente as vinte casas que ocupavam a rua sem saída.

E ele escolheu a casa 15 para passar o Natal em família.

- Mãe! Tem um moço chamando na porta - disse a pequena Rose.

- Deixa que eu atendo - levantou-se a adolescente Agatha, afinal, já estava cansada de conversar com as amigas pelo celular.

Olhando pela janela, a Agatha pensou ser um pedinte.

- Mãe, é um pedinte. Tem alguma coisa para eu dar pra ele?

- Pega uns biscoitos caseiros no forno e suco na geladeira.

- Tudo bem.

Agatha não tinha muita paciência com adultos, mas sabia ser gentil.

- Bom dia, senhorita. Você teria um pão duro para dar a esse pobre homem?

- Bom dia. Tenho sim! Nessa sacola tem uns biscoitos caseiros e suco.

- Obrigado!

- De nada.

- Vocês passarão o Natal em casa?



- Por que você quer saber?
- Eu queria comer umas rabanadas.
- Ah, sim! Passa aqui mais tarde que a minha mãe te dá algumas.
- Será que o seu pai não vai brigar comigo?
- O meu pai vai trabalhar hoje. Vamos passar o Natal sozinhas, mas ele é um bom homem. Te daria muitas rabanadas.
- Que bom saber que os seus pais são pessoas boas. Tchau.
- Tchau.

Agatha não percebeu o sorriso maquiavélico daquele homem ao receber a informação que o pai dela não estaria em casa. Ele não era pedinte.

\*\*\*

- Prometi que não faria mais isso - repetia Kios para si mesmo, andando de um lado para o outro do casebre.
- Eu só queria ter uma família! Não vou matá-las! Vou cear e ir embora! Prometo! Natal é para ser em família! Droga de vida!

\*\*\*

O senhor Kennedy foi trabalhar naquele dia com uma tristeza maior que a costumeira. Não podia faltar na véspera de Natal. Receberia punição caso não comparecesse ao serviço. Ele precisava sustentar a própria família.

- Tchau amor. Vamos esperar você chegar para cearmos em família.
- Podem cear sem mim. As meninas estão empolgadas. Fico triste, mas preciso desse trabalho. Meia-noite ligo para vocês.

Ambos se abraçaram pela última vez. Beijaram-se como se fosse a primeira vez. As meninas despediram-se do pai. O tchau foi adeus. Nenhum deles suspeitou, mas a morte escolheu festejar sua terrível existência naquele lar doce lar.

\*\*\*

De repente, antes da meia-noite, uma tempestade de neve começou a assolar a cidade, mas Kios não desistiu do intento.

- Mãe! O pedinte está chamando na porta.
- Deixa que eu levo esses deliciosos quitutes natalinos pra ele - disse a senhora Kennedy.



- Boa noite, senhor. Desejo um ótimo Natal para você e sua família! Preparei essa pequena cesta com muito amor e cari... - Antes de finalizar, a senhora Kennedy foi interrompida.

- Posso entrar? - Perguntou Kios enquanto apontava uma arma para ela  
- De qualquer forma, muito obrigado. Levarei a cesta pra viagem!

\*\*\*

Quando acordou, a senhora Kennedy sentiu uma dor enorme na cabeça. Não se lembrava de nada. Estava sentada à mesa, com as mãos e pés amarrados.

- Que bom que acordou, querida! Vamos ceiar! Vá preparar o peru.

O instituto materno da senhora Kennedy não permitiu nenhuma reação abrupta. Apenas mirou aquele crápula e viu ao lado dele as suas duas filhas chorando.

- Mamãe! Mamãe!

- CALEM A BOCA! - Gritou Kios - Já falei que não quero choradeira! Vamos ceiar!

- Filhas. Olhem para a mamãe. Não precisam chorar. Vai dar tudo certo, ok.

- Tudo bem, mamãe - responderam as meninas.

- Ah! Olhem a família bonita que tenho! Ah! Ah! Ah!

- Posso preparar o peru natalino? – Indagou, temerosa, a senhora Kennedy.

- Claro esposa! Adoro esse prato!

- Você pode me soltar? Não posso prepará-lo amarrada aqui na cadeira.

- Você não vai fazer nenhuma besteira, vai?

- Não.

- Pense nas suas filhas – disse Kios.

- É claro! Seu... - sussurrou a senhora Kennedy.

- Seu, o quê?

- Desculpe-me – a resposta veio submissa.

- Vou aceitar suas desculpas. Afinal, devemos perdoar o próximo. AH! AH! AH! Estou com o espírito natalino!

Kios cortou as cordas das mãos e pés da senhora Kennedy e ela abraçou as filhas.

- Deixe as minhas filhas irem embora. Eu farei tudo o que você quiser – suplicou a pobre mãe.



- Só quero cear com a minha família! Elas fazem parte! Que tipo de mãe é você? Vá preparar o peru e traga algumas rabanadas!

A senhora Kennedy foi até a cozinha e sem que Kios percebesse, enviou uma mensagem para o esposo informando o ocorrido e pediu para ele chamar a polícia: elas eram reféns de um psicopata.

- Você está demorando! Já colocou o peru no forno!?

- Sim.

- Então venha e sente-se conosco!

A senhora Kennedy trouxe algumas rabanadas e deu para as filhas e para Kios comerem.

- Está uma delícia, querida!

- Mamãe, eu quero ir ao banheiro.

- Eu também - disse Agatha.

- Como é o seu nome, senhor? – Indagou a senhora Kennedy.

- O meu nome é K... Não interessa!

- Posso levar as minhas filhas ao banheiro? – suplicou a senhora.

- Sim, mas voltem logo!

Naquele momento, a mãe viu a oportunidade de se trancar com as filhas dentro do banheiro para que passassem pela janela basculante. Contudo, a morte escolheu aquele lar doce lar para festejar sua terrível existência. Enquanto a senhora Kennedy conduzia as filhas ao banheiro, o relógio soou meia-noite, já era 25 de dezembro!

Kios ouviu o barulho das sirenes e sem pestanejar pegou a faca, foi atrás das três e as matou.

- MERRY CHRISTMAS! Vociferava.

Do lado de fora, em meio a tempestade de neve, a morte sorria da esperança do senhor Kennedy. Ele chorava segurando o retrato da esposa e filhas. A oração dele não foi e não seria ouvida.

- Não acredito que tudo deu errado! Não vou comer a ceia natalina! AH! AH! AH! - Kios gritava e ria, desvairado, enquanto era preso deixando aquele pai sem família naquela noite de Natal.



## LAPSO

Jeane Tertuliano



A véspera de Natal finalmente havia chegado àquela vila localizada entre as montanhas. Juntamente dela, uma nevasca achegou-se sorrateiramente durante a noite e assolou o lugar sem ao menos fornecer uma prévia de todo o isolamento que acometeria às famílias que ali residiam. Antes de a noite cair, Samantha esteve a observar o portão que pendia na entrada da rua sem saída, ela se questionara diversas vezes sobre qual seria o presente que o Papai Noel traria para ela.

Ela também gostaria de saber quais presentes o bom velhinho levaria às outras dezenove casas. Ela sonhara com aquele momento, e como sonhara! Samantha sentiu-se feliz ao acordar.

Apesar de o senhor e a senhora Martins terem uma renda mensal humilde, eles haviam economizado durante meses para que seus filhos, Paul e Samantha, pudessem desfrutar de uma ceia decente, e, por sorte, sobrara uma pequena quantia para que as crianças se alegrassem ao avistarem os presentes que há anos pediam incessantemente ao pai e a mãe.

Paul era um garoto sapeca. Diferente da sua irmã, ele reclamava de tudo, nada era o bastante para deixá-lo contente. Sua mãe, Sara, sempre se perguntara de quem a criança herdara aquele gênio, pois Peter era um homem extremamente calmo, sequer se zangava quando Paul aprontava uma das suas traquinagens. Contudo, era véspera de Natal, a tempestade de neve havia alterado o humor de Paul a tal ponto que Samantha estava receosa de aquela mudança repentina ser fingimento do seu irmão.

Às vinte horas, a família se reuniu ao redor da mesa e contemplou a refeição por alguns segundos. Logo em seguida, Samantha se pronunciou alegremente, cantarolando:



— Mamãe, mamãe, eu posso fazer uma oração para o Papai do Céu antes de comermos?

— Claro, meu amor — respondeu Sara, sorrindo.

— Querido Deus, obrigada por essa ceia maravilhosa. Obrigada, também, pelo Senhor me presentear com uma mamãe e um papai tão bondosos. Mesmo o meu irmãozinho sendo malvado a maior parte das vezes, eu também te agradeço por ele existir. Abençoe-nos sempre, Papai do Céu. Amém — todos disseram em uníssono, exceto Paul, este a olhava de uma maneira sombria, o sorriso que anteriormente reinara em seus lábios, sumira completamente.

— Eu posso ir ao banheiro, papai? — perguntou Paul, docemente, mas a amabilidade existente em sua voz não tocara os seus olhos negros como a escuridão que devorava a noite lá fora. Enquanto os demais membros da família ceavam, Paul fora cautelosamente até a sala e se ajoelhou defronte a árvore de Natal. Mas ele não olhava em sua direção, aqueles olhos sorriam para uma sombra que pairava próxima à árvore.

— Olá, Paul — falou o vulto sem forma.

— Olá.

— Você não está sentindo fome, criança?

— Eu não quero comer com eles! — a voz do Paul soou áspera no recinto.

— Eles?

— Sim, os meus pais e a minha irmã chata.

— O que há de errado com eles?

— Eles, os meus pais, não me deixam brincar com os meus amigos e a minha irmã é uma sonsa, é a filha preferida deles, eu a odeio!

— Realmente, pequeno Paul, você merece pais melhores e um irmão para lhe fazer companhia. Essa garota, a Samantha, te odeia, sabia?

— Como você sabe que ela me odeia?

— Ah, é que as pessoas, no geral, tendem a me confiar os seus segredos mais singelos, é espontâneo, elas o fazem sem perceber.

— Eu pensei que a Sam gostasse de mim...

— Esqueça isso, Paul, vá cear com eles, apenas vá! — Ordenou o ser, e Paul, feito uma ovelha submissa, obedeceu ao seu pastor.

Ao voltar à mesa, se alimentou e tratou os demais ali presentes docilmente. Após comerem, se reuniram na pequena sala. Samantha saltitou ao desembulhar o seu presente e encontrar uma boneca muito, muito bonita, o



brinquedo era deveras similar a ela, possuía longos cabelos castanhos escuros e sua pele era alva como a neve que revestia a rua lá fora.

Sara se emocionou ao receber um abraço cheio de afeto da sua amada filha, e Paul, apesar de gostar do enorme carro vermelho, apenas olhou para Peter e lhe agradeceu com um meio sorriso.

Durante a madrugada, afora Paul, todos já estavam em suas camas. O garoto estivera a observar a irmã enquanto ela dormia. A sua vigília durou aproximadamente uma hora, e consigo encontrava-se a sombra, ela estava a lhe sussurrar o que Paul deveria fazer para que pudesse obter a família que há tempos ansiara. Sem mais delongas, a criança rumou à cozinha e pegou uma grande faca que Sara costumava esconder em um compartimento do armário que possuía um fundo falso.

— Agora, criança, você já sabe o que fazer. Logo terá a família dos seus sonhos — soprou a criatura vil.

Mecanicamente, Paul seguiu para o quarto dos seus pais e empurrou a porta que se abriu lenta e pesadamente. Sem hesitar, o garoto subiu na cama e sentou em cima do seu pai.

Peter acordou sobressaltado e quando estava prestes a perguntar o que Paul estava fazendo ali, ele esfaqueou o seu peitoral por inúmeras vezes. Em poucos segundos, Peter sufocou com a enorme quantidade de sangue que esguichava das feridas. Quando o corpo de Peter ficou imóvel, o garoto foi até a sua mãe. Sara abriu os olhos, exasperada, saiu da cama e acendeu o abajur. Quando avistou a cena horripilante, tapou a boca com as mãos, depois olhou para o filho e gritou insanamente:

— Assassino! Assassino! Assassino! — Ao ouvir os gritos da mãe, Samantha correu e se deparou com o assassinato.

— Paul, você matou o papai! — Berrou a garota com lágrimas jorrando dos seus olhos.

Repentinamente, a consciência do que se passara ali beijou a face anteriormente lívida do menino. E ao ver o que havia feito, olhou para o demônio sorridente no canto da porta e sussurrou como que para si mesmo: acabou. Nesse momento, Paul virou a faca para o próprio coração e enfiou a faca sentindo a vida esvaír do seu corpo.

Gritos agonizantes ecoaram das bocas de Samantha e Sara.

E o demônio? Ah! Ele partira a gargalhar pela noite afora.



## A NOITE É UM PAULÍNDROMO

Gustavo Lopes



A fumaça do chocolate quente dançava no ar. A caneca esperava sobre a mesa de centro, deixando o aroma doce pairar no ambiente. Revistas antigas espalhadas ao lado, com marcas circulares de copos, o celular ansioso e as botas sujas de neve de Leon e Noel. Um deles tirou a luva e virou um gole, deixando o líquido descer esquentando a garganta.

— Noite fria — disse Leon, devolvendo a caneca à mesa.

Era a vez de Noel tomar um gole.

— Fria noite — respondeu, tomando o mesmo cuidado que o amigo, do outro lado, mantendo a ordem dos objetos na mesa.

A lâmpada do abajur chiava em uma fina frequência, um som quase inaudível, ao fundo da sinfonia da nevasca batendo no teto da casa. O relógio de parede marcava quinze minutos para meia-noite. Tic... Tic... Tic...

Um deles se levantou. Foi até a cozinha e fitou a leitoa crua na pia, o saco de farofa fechado, a louça suja. Da janela mal podia ver as casas do outro lado. Dois palmos de neve cobriam a rua. Pegou na geladeira um pedaço do frango do almoço e colocou no micro-ondas para reaquecer. Tirava e colocava a aliança dourada no dedo, enquanto a carne girava como seus pensamentos. Ana, Ana. Aquele era um dia para manchar mais revistas velhas com vinho e conhaque, cantar as mesmas canções e se aconchegar debaixo das cobertas enquanto as crianças dormiam no outro quarto. Maldito dia para falar de problemas passados e futuros incertos.

— Vai comer ou vai ficar olhando o prato esfriar dentro do micro-ondas?

— Perguntou Noel.

Mais trinta segundos, só para garantir. Foi até o quarto e voltou antes que o tempo acabasse. Na sala, deixou o prato do lado direito da caneca vazia e o rifle de caça calibre .44 Magnum do lado esquerdo.

— Não vai colocar uma trilha sonora?



O frango já não tinha a mesma suculência de mais cedo. Seco, esfarelava na língua, mas ainda retinha o tempero de Ana — páprica defumada.

— Ligue pelo menos a televisão!

— Não consertamos a televisão, lembra?

— A vitrola ainda funciona.

— Não quero deixar os discos arranhados.

— Ninguém vai ligar se você colocar *Shine on you crazy diamond* para tocar. Só você ouve esse disco mesmo.

Leon largou o prato no assento da poltrona e procurou o disco na estante. O cheiro dos encartes velhos lhe rendeu um espirro. Steve Wonder, Steve Wonder, *Christmas Songs Volume IV, Volume I, Volume II* — colocou os discos na ordem correta e seguiu —, Phil Collins, Peter Gabriel, Phil Collins. Ana havia usado a casa sem ele. Poderia relevar volumes desordenados, mas dois Phil Collins separados ele jamais teria deixado passar. Entre Kate Bush e Talk Talk, encontrou o *Wish You Were Here*. Vitrola ligada, agulha arranhando. Os primeiros acordes psicodélicos atravessaram a neve e a solidão das montanhas. O assento de veludo absorveu o calor do prato, o frango esfriou.

— Eu não vou esquentar a comida de novo.

— A páprica disfarça.

— Por que você ainda está aqui?

— Noite feliz — Noel encarava o 21 na parede. — Estou aqui para te fazer companhia.

Os ponteiros do relógio se encontraram no 12.

— Acha que devo ligar pra Ana?

— Ana não liga pra você. Já se foi.

— Por sua culpa — prato na mesa, rifle na mão.

Os dois se encaravam em simetria. O espelho entre eles refletia ódio.

— Largue a arma. Você não tem certeza.

— Não importa, ela não vai voltar. Logo ela chega em casa e vai ver o que você fez!

— Ela perdoou outras vezes, por que dessa vez seria diferente?

— Não seja idiota, cara! Eu sei que você fez alguma coisa na casa!

A Cavalgada das Valquírias brilhou com o rosto de Ana na tela trincada. Rifle na mesa, celular na mão. Leon levantou-se para diminuir o volume da vitrola e aumentar o do celular. A ligação cortava, como uma voz entrando e saindo da água.



— Ana? Ana? Tá me ouvindo? — Ele gritava e andava pela sala como se o chão fosse o prato do micro-ondas.

— O que você fez seu... p... ta... As crianças estão chorando... Por q...

— Ana, onde você tá?

— Não se fa...

— Eu vou tentar lá fora.

Enfiou a touca na cabeça, pegou o primeiro casaco pendurado ao lado da porta e correu contra a nevasca.

*Ligação encerrada.*

O vento queimava as maçãs do rosto. O sinal alternava entre uma e duas barrinhas no canto da tela. Ele apertou o nome de Ana nos favoritos. *A chamada não pode ser completada.* A mandíbula batia ritmada, involuntária. Natais aconteciam nas outras dezenove casas da vila, cobertas pelo manto branco. O portão meio caído rangia. Outra chamada falhou. O horizonte pálido despejava desolação sem trégua. Insistiu mais uma vez, mas uma notificação espocou na tela.

*Mensagem*

Ana: “suas coisas estão na garagem, do mesmo jeito que vc deixou a casa. Vc destruiu até a árvore de Natal das crianças? Só apareça aqui pra buscar as coisas e os papéis.”

*A chamada não pode ser completada. A chamada não pode ser completada.* O uivo dos ventos cortava os ouvidos. Então, um toque. Chamando.

Um toque.

— Atende, por favor.

Um toque.

— Atende...

Um toque.

— Você não leu a minha mensagem? — O grito de Ana aqueceu o coração de Leon.

— Ana, eu não sei o que aconteceu, mas por favor me perdoa!

— Já deu pra mim...

— Não desliga, por favor não desliga...

Meia-noite e vinte. A foto dos dois no descanso de tela, tirada no Natal anterior, iluminava o rosto de Leon. *A chamada não pode ser completada. A chamada não pode ser completada. A chamada não pode ser completada.* Sem sinal.



— Maldito... Noel...

Ele arremessou o aparelho, que desapareceu na vastidão branca. Chutou a porta da frente, o número da casa 17 se despregou e caiu no capacho xadrez. Deixou a neve entrar e o calor se esvaír. Estava na hora de quebrar o espelho.

Um deles correu até o rifle e apontou para o outro. A respiração ofegante, a fumaça saindo pelas narinas, o rosto quente por dentro e gelado por fora. Um disparo direto na cabeça. Leon pendeu para a direita. Noel para a esquerda. O sangue se misturava ao veludo vermelho da poltrona, enquanto a Cavalgada das Valquírias soava, e o rosto de Ana brilhava solitário na neve.



## ATÉ QUE A MORTE NOS SEPARE

Tatiana Honorato



Em uma pequena vila, isolada de tudo, o dia 24 de dezembro chega à casa número 18, com a promessa de grandes mudanças. Ao menos esse é o desejo de Dany, que vê naquela data, a chance de se redimir com sua esposa e faz a si mesmo, a promessa de lhe proporcionar um Natal inesquecível.

Ele olha pela janela e agradece aos céus pela nevasca que a obrigará a permanecer ao seu lado por tempo suficiente para que ele possa reconquistá-la. Afinal, eles fizeram votos, “até que a morte nos separe”- disseram, tendo o padre, os amigos, familiares e Deus, como testemunha.

\*\*\*

- Vamos querida, sorria, afinal é véspera de Natal, seu feriado preferido! Tá, eu sei que não está sendo como você pensava, mas que culpa eu tenho da nevasca ter nos deixado presos aqui? Eu confesso que até preferi assim. Ah, vamos, não me olhe com essa cara, você sabe muito bem que sua família me odeia, seu pai não faz nem questão de disfarçar, é só sorrisos para seu cunhado. Ficam lá conversando os dois, e quando tento entrar no assunto eles me respondem por pura educação. Sua irmã me olha atravessado e mal me cumprimenta, e sua mãe fica sempre tentando fazer sua cabeça para você me deixar. Pensa que eu não sei? Pensa que eu não vejo ela sempre cochichando com você? Eu sei bem o que ela fica te falando. Sei sim. Fica querendo te jogar nos braços daquele entojado do William. Imagina você com aquele cara? Me dá até vontade de rir. Aquele engomadinho não é homem para você, duvido que ele soubesse saciar você como eu. Não, com certeza não... Olha aí o sorriso que eu tanto amo. Isso mesmo querida, não precisa tentar disfarçar, sei que você quer sorrir para mim, sei que quer fazer as pazes. Ei, não me olha assim, sua safadinha, sei o que está passando nessa sua cabecinha. Mas tenho que preparar nossa ceia, quero que essa noite seja perfeita, aí você perceberá que não precisamos da sua família nem de ninguém, para nada. Só nós dois nos bastamos. Agora venha cá, me dê um beijo antes de eu descer... Ok, ok, eu entendo, é cedo demais, tá, não precisa se encolher assim.



Eu não vou forçar você a nada. Caramba Julie, parece que eu sou um monstro, poxa, eu sei que errei... Tá querida. Não, por favor, não chore. Desculpe, não queria alterar a voz. Desculpe, venha, venha aqui no meu colo. Isso, isso meu bem, calma, tá tudo bem querida, eu prometo nunca mais fazer aquilo de novo. Eu prometo para você que vou me controlar de hoje em diante, não precisa ter medo de mim. Agora deixe eu enxugar essas lágrimas. Isso querida, olha como é melhor quando você confia em mim, não é? Agora fique aqui deitada, eu vou descer e preparar a melhor ceia de Natal que você já comeu na sua vida. Durma um pouco meu amor, você precisa descansar, assim que tudo estiver pronto eu venho te acordar.

- Alô, ah, Judith, tudo bem? A Julie está ótima, eu achei que ela iria ficar deprimida de não passar o Natal com vocês, mas na verdade ela parece até aliviada. Ei, como você ousa ligar na minha casa para me ofender?... Não, você não pode falar com a sua irmã.... Porque ela estava com enxaqueca, está dormindo agora e eu não vou acordá-la.... Polícia? Pode chamar a Polícia, a Cia, o FBI, e quem mais você quiser, tudo que eles vão encontrar aqui é um casal extremamente feliz! Ah, já estava demorando para você trazer esse assunto à tona, eu errei, e sei disso, mas é passado, é ridículo que vocês continuem me julgando por algo que aconteceu há tanto tempo... Olha Judith, eu tenho que desligar, estou com comida no fogo.... Qual é a graça? Sim, estou fazendo um jantar para sua irmã. Está vendo? Até minhas boas intenções são mal vistas por vocês. Olha, quer saber? Foda-se você, sua mãe, seu pai, seu marido, e até aquele pentelho do seu filho! Isso mesmo que você ouviu, fodam-se todos vocês!!

- Sim querida? Não era ninguém. Foi engano! Não, eu não estava gritando, você deve ter sonhado, volte a dormir, descanse. Julie, por favor, eu estou tentando, mas você também precisa me ajudar, não me faça perder a cabeça de novo! EU JÁ DISSE QUE NÃO ERA NINGUÉM! Ok, ok, desculpa, não vou mais gritar, agora, por favor, volte a dormir e me deixe terminar a comida.

\*\*\*

- Julie, meu bem, acorde! Vamos querida, vá tomar um banho e depois coloque o vestido que comprei para você! Você ainda está fraca? Claro que está, ainda dói né? Oh, querida eu sinto tanto, mas também foi sua culpa, e você sabe, mas não vamos discutir isso agora. Venha que eu te ajudo no banho e a se vestir.

\*\*\*

- Viu que mesa linda? Claro que eu fiz tudo sozinho! Você não confia no seu maridinho? Pois deveria, fiz tudo que você gosta, peru, farofa, aquele arroz



que sua mãe sempre faz... Tudo para meu amor ficar feliz, agora coma. Sabe Julie, eu estava pensando que podemos tentar ter um filho agora! Não era para você ficar triste e sim feliz! Sei o que deve estar passando pela sua cabeça, realmente foi muito triste que você tenha perdido o bebê naquele incidente, mas já faz dois anos.... Sim, incidente sim senhora, ou por acaso você acha que eu fiz de propósito, que eu queria que nosso filho morresse?! Claro Julie, você é uma santa, não é?! Escuta aqui, estou cansado de tantas acusações, você me provoca e quando perco a cabeça saio como vilão!

- Ok, você tem razão, hoje não é dia de discutir, então vamos deixar esse assunto de filho para outra hora, certo? Agora vou buscar a sobremesa! Mas é claro que tem sobremesa sua bobinha.

\*\*\*

- Ah, querida, por favor, arrume essa cabeça, não gosto que fique assim, vamos eu te ajudo, assim está bem melhor, tente se manter assim, o pescoço ereto, do contrário você fica com uma aparência meio... mórbida! NÃO SEJA TOLA, EU NÃO BATI COM TANTA FORÇA!

- Tá, desculpe, já parei de gritar, mas pare de falar bobagens, você está ótima! Aguarde aqui que já volto com a sobremesa!

\*\*\*

- Querida, acorde, já é manhã de Natal, mal posso esperar para você ver o seu presente, você vai amar, tenho certeza... Nossa, meu bem, como você está fria, espere, vou buscar mais uma coberta, aí podemos ficar na cama mais um pouquinho até seu corpo esquentar, para quê pressa, não é?! Temos a vida toda! Feliz Natal meu bem, eu te amo!



## UM ÚLTIMO NATAL

Fernando Nunes



Todos os anos, esta época do ano era de muito sofrimento para o senhor Natalino. Embora seu nome fosse uma homenagem à data, ele simplesmente detestava o Natal. Ele sabia que a data em si não era culpada, mas jamais conseguia conformar-se com a perda da esposa. Ele não entendia porque havia sobrevivido ao acidente de automóvel que vitimara sua esposa.

Natalino já estava com 89 anos e uma saúde muito debilitada. Ele vivia sozinho, na vila Garden Rose, desde a morte de sua esposa, há 20 anos. Filhos, nunca tiveram, e os parentes mais próximos já estavam todos mortos.

Como era costume seu, enquanto todos estivessem festejando aquela noite com grandes banquetes e trocas de presentes, ele estaria dormindo como numa noite qualquer, afinal, não tinha nenhum motivo para comemorar.

Por volta das 22h, Natalino tomou sua sopa, como fazia todas as noites, escovou os poucos dentes que ainda lhe sobravam, colocou seu pijama já surrado e foi deitar-se.

Já era quase meia-noite e ele ainda não havia conseguido dormir. Além da sua natural dificuldade para dormir, aquela noite tinha um agravante, as imagens do acidente vinham com muita intensidade à sua memória. Parecia que estava vivendo tudo aquilo novamente.

Levantou-se, colocou seu chinelo, foi até a cozinha, pegou uma garrafa de conhaque e tomou, no bico, uns quatro ou cinco goles. Aquilo foi como uma pancada na cabeça. O mundo começou instantaneamente a girar. Natalino foi cambaleando em direção ao seu quarto pensando: “agora eu conseguirei dormir”.

A tontura era tanta que ele foi esbarrando em todos os móveis que estavam em seu caminho. Perto da porta do quarto, ele perdeu o equilíbrio e caiu, batendo com a cabeça no marco da porta de seu quarto. Durante alguns segundos, fez-se um silêncio insuportável.



Estranhamente, ele levantou-se como novo. Não estava mais tonto, não tinha mais dificuldade para caminhar e o sono, finalmente, parecia que havia chegado. Ele foi em direção à sua cama e deitou muito satisfeito. “Acho que agora vou conseguir dormir.” Fechou os olhos e dormiu.

\*\*\*

Alguns dias depois, os vizinhos de Natalino começaram estranhar a sua ausência. Ninguém mais o havia visto desde a véspera do Natal. Então, chamaram a polícia do condado.

Quando, com um aríete, a polícia arrombou a porta de sua casa um cheiro de decomposição espalhou-se por toda redondeza. Deitado de bruços no chão, próximo ao seu quarto, estava Natalino sem vida.



## ESPÍRITO NATALINO

Rô Mierling



A opção pela última casa da vila – nº 20 - não foi simples coincidência. Ele queria ficar afastado de todos, sempre. A vila tinha vinte casas, isolada da cidade, numa rua pequena e sem saída. Local ideal para ele.

E se ele teria que estar ali, com outras pessoas, mesmo que indiretamente, que fosse longe – na última casa da vila.

Pessoas – odiava pessoas. Elas tinham algo que ele nunca teria.

Mas às vezes tinha que estar entre elas, era uma “limitação” sua. Ordens, são ordens. Não podia simplesmente optar por não estar ali.

Mas ele estava lá naquele dia também.

No “GRANDE DIA” ele esteve lá e ele sabia muito bem que esse dia não foi 25 de dezembro. Mas esses pobres idiotas precisam de uma data para fingir remissão. Para se reunirem e reclamarem da vida, falando mal de parentes que não estão, fofocando sobre amigos, embebedam-se em festas de empresa onde maridos e esposas não vão, do contrário como poderiam dar um amasso na moça do café ou no secretário da tesouraria?

Natal - data essa que serve para eles se endividarem ainda mais, mimando suas crias com presentes caros, viajando para locais onde são tão infelizes quanto em suas residências, mas na desilusão de viagens de férias, fingem que darão uma pausa na tristeza de sua existência.

NATAL – uma data infeliz. Mentiras, desilusões, expectativas quebradas, consumismo e falsidade. É só o que impera, mas eles não admitem e ainda ousam propagar “Feliz Natal”.

Não recordo-me de uma única vez que em que essa frase foi dita de forma sincera e olha que já vivi séculos, milênios e é sempre a mesma coisa.

“Ahh! Mas Cristo nasceu e estamos comemorando”.

FARSA!



Eles mal sabem quem foi Cristo. Não o seguem, não possuem fé, são prostitutas, idólatras, egoístas, mentirosos, farsantes, que nem acreditam na existência de algo além deles mesmos.

Mas precisamos de um teatro de horrores para que o ano vindouro possa ter novas máscaras de uma prosperidade.

Sabe porque colocam tantas luzes em suas casas, janelas e árvores?

Para tentarem espantar a solidão e a escuridão de suas almas. Aprofundam-se na pior escuridão que existe: a ausência de sentido de vida, de fé e de realidade e depois acham que luzes de Natal vão mudar esse cenário.

Luzes, presentes, cumprimentos: como se isso fosse impedi-los de espancarem seus filhos e esposa, treparem desvairadamente, matarem, dirigissem alcoolizados, estuprando crianças e fraudando os mais pobres.

De verdade? Eu nem sei o que eu estou fazendo aqui, já que eles se viram muito bem sem mim.

Enfim, deixo eu de reclamar. Afinal estou aqui para uma missão e já que a noite começa a cair e a tal madrugada “festiva” vai começar, preciso ir.

Cada casa dessas vai receber minha visita, e os presentes serão deixados, para que com eles, essas almas moribundas façam o que seus egos, almas e mente ordenem.

Eu, na verdade, nada faço. Eu facilito, induzo, talvez, mas a mão que realizará tantas coisas nessa vila, nessa noite, não será a minha, mas a deles.

Afinal eles têm o que eu não tenho: livre arbítrio.

FELIZ NATAL!



## NOTAS FINAIS

Quando abrimos seletiva para esses contos recebemos muitas histórias, algumas mais fantasiosas, outras mais dramáticas.

Mas nesses contos escolhidos nota-se, sem ser de propósito comum ou exigência do enredo, uma predominância de suicídios e violência doméstica para o final dos contos. Repito: isso não foi combinado entre os autores nem pela organização. Cada autor esteve livre e individual para escrever seu conto. Então venho a pensar que essa predominância coincidente desses assuntos entre outros no gênero terror e drama é o reflexo de certos males em que a nossa sociedade está mergulhada: violência doméstica, alcoolismo e suicídio.

E veio-nos um desejo de “Natal”: que esse livro não seja apenas uma antologia sinistra com contos de terror e sim, quem sabe também, um alerta para respeito, cuidado e prevenção com relação a essas temáticas, que mesmo sem a intenção de tal, acabaram permeando os contos desse livro.

Que nesse Natal possamos refletir sobre pessoas que sofrem de depressão, alcoolismo, violência doméstica, entre outros. Se não formos os atingidos, tenhamos compreensão, palavras amigas, e quem sabe, para quem acredita, uma oração. E se formos os acometidos por esses males, que possamos procurar ajuda imediata, porque mesmo que não possamos ter um Feliz Natal, temos direito à saúde mental, segurança em nossos lares e dignidade em nossas vidas.

**Para casos de violência doméstica: ligue 180**

**Para casos de depressão e tentativa de suicídio: ligue 141**

**Para casos de alcoolismo: entre em contato com [aa@alcoolicosanonimos.org.br](mailto:aa@alcoolicosanonimos.org.br)**

**UMA VIDA VALE MUITO!**



## BIOGRAFIAS

Adnelson Borges de Campos, administrador, Especialista em Gestão Empresarial e Gestão e Auditoria Ambiental. Trabalha há 27 anos na indústria do petróleo onde exerceu várias funções gerenciais. Nascido em 1963 em São Paulo, SP, após residir no Rio de Janeiro, São Paulo e Santa Catarina voltou a morar numa cidade paranaense, à beira do Iguaçu, São Mateus do Sul, onde mora com sua esposa Denise e três filhos, Lucas, Vinícius e Helena. Possui vários contos publicados pela Illuminare desde 2015.

Carlos Asa. Autor do livro “A PEQUENA FLORISTA”, lançado na Bienal do Livro de São Paulo em 2016. Participou de diversas coletâneas da Editora Illuminare, a partir de 2016. Atualmente com a obra “Alma Gótica” na plataforma Wattpad; e uma na Amazon; “PI”.

Carolina Utinguassú Flores, licenciada em Letras, é revisora de textos. É coautora do livro Contos de Som e Silêncio (2013) e Minicontos Coloridos (2015). Premiações em concursos: “A Madrugada” (conto - 2014); “O Fantasma e a Incógnita”(poema - 2016). Seu romance solo, Plátano e Bordo (2015), aborda a psicopatia e o erotismo.

Cláudio Antonio Mendes nasceu e sobrevive em Mutum-MG. Leciona ciências biológicas na rede estadual de ensino. Nas horas vagas conta histórias e uni versos em antologias e auto publicações. Participou em 2017 da antologia Era Uma Vez... pela editora Illuminare.

Fernando Bins é fruto de uma gestação comum; um parto normal e uma infância saudável. Portanto, alimentar o escritor que berrava, dentro do peito, não tem uma boa explicação. E, mesmo assim, doses de cafés, de angústias e sonhos lavraram madrugadas com páginas e mais páginas de literatura.

Fernando de Menezes Nunes é natural de Porto Alegre. Advogado e membro da ALB e da ALUBRA. Participações em Antologias da Illuminare: Pequenos Escritos, Sinistras Histórias; Crimes & Suspeitos; Sete Pecados Capitais; Segunda Guerra Mundial; Mosaicos; Contos de Fadas; Escritores Malditos; Por Trás das



Grades; Avenida Murkinesse 666; Contos de um Natal sem Luz (co-organizador), Espinhos e Rosas (bilíngue). Participou como convidado do livro Pedacos de Mim - Microcontos Cruéis. É autor do livro Pedacos de Mim - Microcontos Ecléticos. Tem atuado também como revisor.

Fernando Mello, nasceu em 1990, é de Fortaleza-Ceará, Bacharel em Administração. Resenhista, colunista e organizador de Antologias do Arca Literária em parceria com a editora Illuminare. A arte da escrita é uma forma dele expressar tudo aquilo que ele silencia. Autor de “Sob o domínio do silêncio”.

Grazielle Pacini Segeti, advogada e professora, amante dos livros, está sempre escrevendo sobre suas angústias, sonhos e prazeres. “Quis conhecer outros mundos e me tornei escritora. Aquilo que não conseguimos exprimir em som; a pena converte em palavras. Escrever é dar voz à alma e ao coração”.

Gustavo Lopes, nascido em 89, leio quando posso e escrevo o quanto possível, sobre realidades distorcidas e talvez horrendas, que nem sempre têm um final feliz, mas que devem ser contadas. Meu primeiro livro, O Inominável, foi publicado em 2017 e está disponível gratuitamente nas plataformas Wattpad e Luvbook.

Jeanne Tertuliano é uma mulher sonhadora. Após sucumbir aos encantos da Literatura, sentiu-se extremamente tentada a conceber arte através da escrita. Atualmente, é estudante de Letras/Inglês e reside em Campo Alegre, Alagoas, nordeste do Brasil.

Lisa Hallowey, pseudônimo de Elisangela Domingos da Silva, que nasceu em Guarulhos, no Estado de São Paulo, no ano de 1987. Sua primeira publicação foi na Antologia Meu Lado Sombrio, com o conto Confissões de uma Mente Diabólica. Esta é sua segunda publicação pela Editora Illuminare.

Lorena Caribé, nascida em Feira de Santana, Bahia, formada em História e Direito. Faz curso de Teatro e Idiomas. Ama viajar, se corresponder por cartas e compartilha suas leituras no Blog Aventura Literária. Já participa de diversas publicações pela Ed.Illuminare Perdoe-me, Contos de Fadas, Anjos e demônios e mais.



Márcia Pavanello Pires, nasceu em 17/12/1982 em Presidente Getúlio, S.C., onde vive com o marido Maicon e os filhos Cauã e Felipe. Formada em Design-Moda e Letras. Márcia já publicou alguns romances: Abismo Sangrento, O Pecado Não Mora ao Lado e Sangue e Sedução. É imortal da ALBSC-PG.

Marcio Muniz, formado em Administração, pós-graduando em Gestão de Pessoas e Projetos. Escritor e poeta por vocação. Poesias publicadas nas coletâneas: “Inspirar, escrever e sonhar” da Editora Casa Cultura e “Entrelaços” da Darda Editora. Autor do livro “Encontros com o amor” pela Editora Multifoco, “Microamores” pela Editora Illuminare, além de muitos contos com essa mesma editora.

Mirian Fidelis Guimaraes, escreveu Minha Amada Mona Lisa em 2008 pela Marco Zero, lançamento na 20ª Bienal do Livro de SP. O livro de sua autoria Nessie: o verdadeiro tesouro da Escócia, foi publicado em 2015 e no ano seguinte a autora lançou independente o livro A Bonequinha Preta e outras histórias. Em 2017, participou de uma Antologia Haunting e Poltergeist da Editora Illuminare.

Rafael Valore é músico, vocalista, instrumentista, letrista e compositor curitibano, formado em Licenciatura em Música pela Faculdade de Artes do Paraná. Desde 2010 encabeça a banda curitibana de horror punk Nekromonsters. Escreve contos de horror e ficção, e estreou como escritor na Antologia Amor e Morte, da organizadora Rô Mierling.

Regiane Silva, possui poesias, contos e microcontos publicados em antologias destinadas ao público infantojuvenil e adulto, além de um livro infantojuvenil. Ela é apaixonada por gatos e ama estar em família. Desde o ano de 2015, participa das seletivas da Editora Illuminare, fazendo parte de cinco obras.

Renato Neres é apaixonado por literatura. Nascido em Cruz das Almas, Bahia, trabalhou durante muitos anos em livrarias na cidade de Salvador. Possui um blog onde deposita muitos de seus textos. Participou das antologias “As Cores da Minha História” e “Palavras que Silenciei”, ambas pela Illuminare.

Rô Mierling, gaúcha, escritora, roteirista e antologista. Autora de "Contos e Crônicas do Absurdo", "Íntimo e Pessoal", "Quando as Luzes se Apagam",



"Diário de uma Escrava", "Cicatrizes da Escravidão", "O Mal que Habita em Mim" e "101 Dicas de Escrita – Para novos autores" e muitos outros. Coordenadora em mais de 50 coletâneas de contos nos mais diversos assuntos, entre o dramático e o sinistro, do paranormal ao crime sádico. Colunista de narrativas da Revista Resonancias (Argentina/França) e cronista da Revista Sotaques (Porto - Portugal). A autora atua na divulgação e incentivo de leitura e escrita junto a diversos projetos como PEGAÍ. Lançou junto a Editora Abril no livro Mundos Paralelos o conto "Caça e Caçador". A autora divide seu tempo entre Buenos Aires, Porto Alegre e Rio de Janeiro.

Tatiana Oliveira Honorato nasceu em 10 de março de 1985, em Campos Sales/CE, hoje reside em Santo André/SP. Técnica de Enfermagem que nas horas vagas se dedica à escrita. Presente nas Antologias da Illuminare, Meu lado sombrio, Contos de Fadas, Psicopatas, Haunting e Poltergeist e Entre o bem e mal.

Participe das coletâneas e antologias de contos da Editora Illuminare.

**DESTAQUE SEU TALENTO**

[www.editorailluminare.com.br](http://www.editorailluminare.com.br)

